



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA – DH
CURSO DE PROGRAMA DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – TCC**

JÉSSICA MIRELY ALMEIDA BARROS

**ELA É BONITA, ELA É MULHER – O CAMINHO E A
CONQUISTA DE SER UMA POMBA GIRA:
UMA ANÁLISE DO FEMININO A PARTIR DE MARIA PADILHA**

**CAMPINA GRANDE
2023**

JÉSSICA MIRELY ALMEIDA BARROS

**ELA É BONITA, ELA É MULHER – O CAMINHO E A CONQUISTA DE SER UMA
POMBA GIRA: UMA ANÁLISE DO FEMININO A PARTIR DE MARIA PADILHA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao Programa de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em História

Orientador: Profa. Dr.^a Hilmária Xavier Ribeiro

**CAMPINA GRANDE
2023**

B277e Barros, Jessica Mirely Almeida.

Ela é bonita, ela é mulher – o caminho e a conquista de ser uma pomba gira [manuscrito] : uma análise do feminino a partir de Maria Padilha / Jessica Mirely Almeida Barros. – 2023.

86 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de curso (Graduação em História) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2023.

“Orientação: Profa. Dra. Hilmária Xavier Ribeiro,
Coordenação do curso de História – CEDUC “

1. Umbanda. 2. Difusão cultural. 3. Religiosidade. 4. Sociabilidade. 5. Mulher. I. Título.

21. ed. CDD 299.672

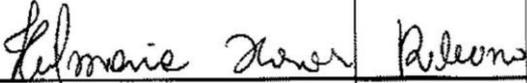
JÉSSICA MIRELY ALMEIDA BARROS

**ELA É BONITA, ELA É MULHER: O CAMINHO E A CONQUISTA DE SER UMA
POMBA GIRA – UMA ANÁLISE DO FEMININO A PARTIR DE MARIA PADILHA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao Programa de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em História.

Aprovada em: 28/06/2023

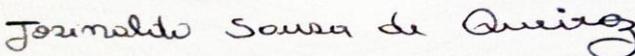
Banca examinadora:



Profa. Dra. Hilmaria Xavier Ribeiro (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. José dos Santos Costa Júnior
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Josinaldo Sousa de Queiroz
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por tanta sabedoria e bênçãos derramadas em minha trajetória e principalmente por ter me presenteado com pais tão maravilhosos que sempre me deram apoio nas minhas decisões sem nunca permitirem faltar nada na minha vida. Sou grata ao meu amado esposo por ter sido minha rocha nos piores momentos dessa pesquisa.

Deixo um agradecimento especial a minha orientadora, Dra. Hilmária, pelo incentivo e dedicação de seu tempo ao meu projeto de pesquisa.

Também quero agradecer a Universidade Estadual da Paraíba e a todos os professores do meu curso pela elevada qualidade do ensino oferecido.

RESUMO

Com o título “Ela é bonita, ela é mulher: o caminho e a conquista de ser uma Pomba gira – uma análise do feminino a partir de Maria Padilha” o estudo tem por finalidade ser um instrumento que viabilize dar visibilidade a impossibilidade sociocultural que muitas Marias passam em seu cotidiano e que impedem assumirem o papel de totalidade de sua feminilidade. Em uma estruturação metodológica empírica dedutiva que se fundamenta em pesquisas bibliográficas, audiovisuais, fotográficas e de campo embasada em conceitos como o *habitus*, violência e capital simbólico, delineado pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu, se busca na imagem da entidade Maria Padilha um referencial. Se dividindo o estudo em partes para entendimento do contexto em que a própria se desenvolve, a Jurema, ritual afro-brasileiro vinculado a *Umbanda*, o trabalho busca ser uma fonte histórica e/ou mesmo socioantropológico na medida que também se recorreu a estas ciências para melhor entendimento e explanação. Sua principal intenção se volta a demonstrar o quanto a sociabilização e a religiosidade, estruturada desde a colonização, impede que a mulher se veja, assuma e viva sua própria totalidade como um ser facetada e ainda sensual.

Palavra Chaves: Umbanda. Difusão Cultural. Religiosidade. Mulher.

ABSTRACT

Entitled “She is beautiful, she is a woman: the path and the achievement of being a cute Pigeon – an analysis of the feminine based on Maria Padiilha”, this study aims to be an instrument that makes it possible to give vent to sociocultural impossibility that many Marias go through in their daily lives and that prevent them from assuming the role of totality of their femininity. In a deductive empirical methodological structure based on bibliographical, audiovisual, photographic and field research based on concepts such as habitus, violence and symbolic capital, delineated by the French sociologist Pierre Bourdieu, a reference is sought in the image of the Maria Padiilha entity. Dividing the study into parts to understand the context in which it develops, the Jurema, an Afro-Brazilian ritual linked to Umbanda, the work seeks to be a historical and/or even socio-anthropological source as it also develops, resorted to these sciences for better understanding and explanation. Its main intention is to demonstrate how socialization and religiosity, structured since colonization, prevent women from seeing themselves, assuming and living their own totality as a faceted and still sensual being.

Keywords: Umbanda. Cultural Diffusion. Religiosity and Women.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Foto de um navio negreiro brasileiro, tirada por Marc Ferre.....	16
Figura 2	Santos negro da Igreja Rosário dos Homens Preto (1654). Recife – PE.....	17
Figura 3	Zélio Fernandino de Moraes em reunião na Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade.....	27
Figura 4	Oxalá.....	41
Figura 5	Xangô.....	42
Figura 6	Oxóssi.....	43
Figura 7	Ogum.....	44
Figura 8	Iansã.....	45
Figura 9	Oxum.....	46
Figura 10	Iemanjá.....	47
Figura 11	Registro de reconhecimento como membro.....	50
Figura 12	Registro da permissão de funcionamento.....	50
Figura 13	Incorporação em Gira de Povo de Rua.....	53
Figura 14	Linhagem e irradiação dos exus.....	55
Figura 15	Gira do Povo de Rua – Exu e Pomba gira.....	63

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 TRAJETORIA E O DESENVOLVIMENTO DA <i>UMBANDA</i>.....	15
2.1 A religiosidade afro e a História – submissão e resistência	21
2.1.1 <i>Umbanda – uma visão histórica, social e antropológica</i>.....	24
3 OS ORIXÁS E SUA SIMBOLOGIA.....	32
3.1 <i>Os Itãs sagrado e a formação do mundo</i>	32
3.1.1 <i>Simbologias e caracterizações – Ofertas e axé</i>.....	40
4 O MISTÉRIO E O CAMINHO - A BUSCA DA FÉ.....	49
4.1 <i>O xirê e o mistério – As duas cabeças</i>.....	56
4.1.1 <i>Mojuba a Moça – simbologias e ensinamentos</i>.....	58
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	65
REFERENCIAS.....	68
GLOSSÁRIO.....	78

1 INTRODUÇÃO

Falar sobre a *Umbanda* é um assunto complexo, seja pelos ritos que possui e pelas homenagens aos seus orixás e entidades, seja pelas influências de outras religiões que a caracteriza e/ou pelo fator social de ser ela uma religião, como informa Elíta Maria Cavalcante (2018, p.17), “não completamente aceita”.

Embora o tema venha a ser motivo de atenção a diversos estudos científicos, uns afirmando ser ela, a *Umbanda*, uma religião que pode ser considerada genuinamente brasileira, a sua formação demonstra que o assunto tanto deixa espaço para novas pesquisas como mostra que quanto mais se busca informações sobre, mais conteúdos se encontra para sua exploração.

Entendida por muitos como uma religião constituída por ‘negros’ e pessoas de pouca cultura, a propagação dessa crença faz perceber que a imagem formalizada nessa concepção demonstra não apenas preconceitos religiosos como discriminações sociais.

Ponderando sobre estes dois aspectos de sociabilização visivelmente percebido e vivido por muitos, argumenta Antônio Ozaí da Silva (2004, *apud* SALES, 2017) que, “a intolerância religiosa soma-se a intolerância política, cultural, étnica e sexual”. Informa o sociólogo que a intransigência se apresenta como uma “inquisição” no cotidiano de muitos, seja

[...] no âmbito do espaço doméstico, nos locais do trabalho, nos espaços públicos e privados. Ela assume formas sutis de violência simbólica e manifestações extremadas de ódio, envolvendo todas as esferas das relações humanas. A intolerância é, portanto, uma das formas de opressão de indivíduos em geral fragilizados por sua condição econômica, cultural, étnica, sexual e até mesmo por fatores etários. (SILVA, 2004, p. 8 *apud* SALES, 2017, p.4)

Sendo tal realidade vivida por muitos adeptos da *Umbanda* e qualquer outro rito religioso que tenha raiz em uma cultura afro e/ou anímica, evidencia a mesma, que a hostilidade que muitos estão sujeitos expõe a todos um dilema social e mesmo histórico.

Sem almejar adentrar em discussões de gênero, o que se busca na intencionalidade do trabalho se volta a uma comunicação, assim sendo, o mesmo se mostra com um discurso informativo que gira em torno de aptidões em relação as escolhas

religiosas e as discriminações que se manifestam diante da incompreensão das pessoas, principalmente em *xirê* que forças femininas se mostram, estigmatizando o papel das entidades e a representação feminina no sagrado e no profano.

Com o título “Ela é bonita, ela é mulher: O caminho e a conquista de ser uma Pomba Gira – uma análise do feminino a partir de Maria Padilha”, o estudo compreende além da religiosidade dos umbandistas um de seus guias espirituais, um Exu¹ feminino conhecido como Maria Padilha, se traduzindo assim em uma tentativa de mostrar o que vem a ser a *Umbanda*, sua religiosidade, seu sincretismo, e acima disso, a sua busca social de promover o bem aos seus atendidos, adeptos ou não.

A utilização do arquétipo feminino simbolizado na entidade Maria Padilha, sobressalta a importância da figura feminina que a mesma busca transmitir, pois, assumindo o papel como exemplo de autoestima e valorização da feminilidade diante de um campo religioso ao qual a incompreensão de ritos e entidades colocam a imagem das mulheres em confronto permanente com a percepção pessoal e social do interno e do externo, a mesma possibilita psicologicamente auto reconhecimento pessoal e melhor conscientização da própria sexualidade, seja em uma perspectiva sociocultural como pessoal.

Outro fator relevante sobre a utilização da entidade no assunto do sagrado e no contexto do feminino ocorre por estar ela, como a religião em que se ‘materializa’, sob o estigma de maléfico, de pouco desenvolvimento espiritual e cultuado por pessoas de baixa ‘cultura’, mostrando nestes pensamentos uma continuação histórica de preconceitos e de segregações.

Observando no assunto singularidades de esquecimento e possibilidades de apropriação, se acredita que o tema se constitui em um problema na medida que histórica e socialmente o papel que a mulher sempre desempenhou e por vezes, em sua maioria, desempenha, não possibilita a elas tal associação o que leva a questionar o porquê, apesar de na atualidade, com tantos direitos conquistados este poder ainda permanece em meio a tabus e colocado de lado por tantas Marias da vida.

¹ O Exu, aqui tratado se volta a uma entidade espiritual, um guia que incorporando no médium procura ajudar as pessoas que necessitam de seu auxílio. Ele não é o Mistério do *Orixá Exu*, conhecido como Mensageiro e sim um espírito desencarnado que busca sua evolução, para tanto utiliza o médium nesse fim, possibilitando que ambos, médium e entidade consiga evoluir espiritualmente.

Elaborada em um tempo de descobertas e observações, isto é, estruturado em uma periodização de contatos regulares que decorreram um ano e meio, iniciado em fevereiro de 2020 até o ato de sua elaboração, agosto de 2021, confrontando informações que possuía em um contexto mais limitado.

A desarticulação de entendimento sobre a religiosidade proveniente da ida ao terreiro, fomentou dúvidas internas e conduziu a necessidade de se obter mais informações e mesmo, esclarecer ou desmistificar o que se conhecia e se acreditava.

Percebendo a necessidade pessoal e social de expor novos entendimentos que se opunham as minhas crenças, a pesquisa realizada fez observar e entender novas percepções culturais, sociais, políticas e religiosas.

Assim, a pesquisa em si tanto se formulou pela falta de conhecimento sobre o assunto, principalmente sobre a entidade e mesmos as entidades que figuram como Guardiões nessa religião, ou seja, o Mistério Exu, como pelo reconhecimento de que a sensualidade não interfere de forma depreciativa na mulher, mas acrescenta e contribui para complementação dela.

Por conseguinte, a tentativa de pormenorizar dados sobre o desenvolvimento da *Umbanda* e suas linhas de atuação provem da necessidade de deixar para muitos que não compreendem de forma mais concisa seus preceitos, esclarecimentos mais objetivo, pois, movido a trabalhar o simbolismo de umas de suas entidades para sobressaltar a importância da figura feminina que a mesma busca transmitir, o investimento nas informações sobre a religião pareceu ser essencial, possibilitando assim que novos entendimentos ou perspectivas destes possam surgir, desmistificando o que por tanto tempo se foi propagado.

Aspirando pelo entendimento da pesquisa estruturar um trabalho que venha contribuir de forma histórica e, por conseguinte que possibilite a outros juntar mais esclarecimentos a ele, o mesmo não se constitui apenas de fatos e curiosidades sobre o assunto, mas de informações de outros campos de pesquisa, como a sociologia e antropologia.

Procurando destacar no trabalho um papel cuja atuação figure como cientista, se buscou fazer um estudo de caso isento de especulações que de alguma forma não pudesse por meio da própria pesquisa agregar um ponto de entendimento histórico-social. Contudo, como todo cientista tenho limitações humanas.

O favorecimento pessoal recebido e o que o estudo em seu contexto proporcionou, deixou a consciência que o assunto além de complicado sem um estudo mais

profundo e detalhado, mostrou que “o elo entre pesquisador e pesquisado é uma convivência complexa”. (CAVALCANTE, 2018, p.19)

Bourdieu (2004) alerta sobre a dificuldade em se realizar um trabalho científico no campo religioso, pois quando o pesquisador está inserido nele, corre o risco de influenciar o trabalho com seu próprio ponto de vista ou deixar de ver questões que, para quem é leigo no assunto, possam ser relevantes. Já quando ele não faz parte da crença, pode “deixar passar” aspectos que só quem é interno àquele grupo pode ter acesso, e ele, como um ser externo, acaba privado de deter alguma informação. (CAVALCANTE, 2018, p. 19)

Para formular a intencionalidade, a mesma se padronizou em uma metodologia ao qual se buscou informações obtidas em campo pelas visitas realizadas ao Terreiro, permitindo observações que trouxeram algumas compreensões sobre a ritualística. O conhecimento adquirido deixou mais claro o entendimento do assunto encontrado nas pesquisas realizadas em *web sites* específicos e matérias jornalísticas sobre o assunto, assim como livros, teses, fotografias, vídeos e artigos que possibilitaram dar base ao estudo do caso.

Com uma fundamentação de teor descritivo e analítico com base nas leituras feitas e em partes vivenciada, o que possibilita o empirismo, conceitos relevantes como *habitus*, capital e violência simbólica formulados pelo sociólogo Pierre Bourdieu se mostrou significativo, principalmente pela observação de mudanças ocorridas no próprio convívio e sociabilidade que pertença.

Sendo um trabalho que se amparou no estudo de temáticas de áreas de pesquisas diferenciadas, como a sociologia, antropologia e história, a intencionalidade se volta a demonstrar uma sociabilização estruturada historicamente desde a colonização, ao qual impediu no decorrer do tempo, diante da cultura estabelecida, que a mulher se veja, assuma e viva sua própria sensualidade sem tanto tabu.

A particularidade de adentrar na temática da interdisciplinaridade se mostrou relevante para o entendimento não apenas da religiosidade que a personagem se mostra como pelo próprio teor da discriminação e intolerância, seja em relação a profissão de fé como ao próprio papel da mulher no social.

Para discorrer a temática seu conteúdo se divide em partes, no qual, no primeiro capítulo, subdividido, se busca narrar acontecimentos históricos sobre a religiosidade afro. Para isso, se adentrou em assuntos como o *modus operandi* do regime

escravocrata a fim de mostrar a resiliência que os primeiros portadores desta religiosidade tiveram, apesar de subjugados, legando aos seus descendentes uma percepção e demonstração de fé que até hoje é incompreendida, seja pelas discriminações, o não conhecimento e/ou filosofia que formaliza sua religiosidade.

Em continuação se explana o entendimento popular sobre o “surgimento” da *Umbanda*, como a opinião antropológica do porquê o surgimento e, a contestação de que ela possa não ter surgido, mas se evidenciado e como término, se expõe acontecimentos históricos do reconhecimento da *Umbanda* como uma religião.

Em prosseguimento, o trabalho se volta aos Orixás, e se procura falar sobre como são percebidos e cultuados. Nessa parte, se narra seus *itãs*, a hierarquização e a atuação dessas deidades perante a vida de seus fiéis e do que acreditam.

Para finalizar o estudo, se busca trabalhar historicamente o papel da mulher, adentrando assim na busca do entendimento da performance da entidade Maria Padilha e no espaço que ocupa, a falange que pertence e a Jurema, rito espiritual em que atuam forças da esquerda e direita, buscando problematizar a simbologia que ela traz em sua interpretação da feminilidade, seja no profano como no sagrado em prol de uma melhor compreensão da mulher como um ser pleno. Assim, ele se formaliza nas divisões da religião, no Mistério da entidade e por fim na própria entidade escolhida para o estudo.

Na utilização dos conceitos como *habitus*, violência e capital simbólico delineado por Pierre Bourdieu para exemplificar o entendimento da continuidade de preconceitos, segregações e intolerâncias, a apropriação ocorre pela compreensão de que mediante fatores e acontecimentos – econômicos, sociais, psicológicos, políticos e culturais, residindo no ultimo campo a religiosidade –, os comportamentos e as perseguições se sustentam em percepções construídas ao longo da historicidade do Brasil, as mesmas que ainda se deparam nas barreiras que os séculos sustentam por se acreditar que apenas uma religião ou uma fé é verdadeira.

Com pensamentos e vivencias cada vez mais intensificadas devido aos preconceitos, o rompimento dessa barreira, que ora se apresenta cedendo e por outra se fortalecendo, tem no próprio meio social sua sustentação uma vez que como explica Pierre Bourdieu (2004, p.149)

[...] existem, no próprio mundo social e não apenas nos sistemas simbólicos - linguagem, mito, etc. -, estruturas objetivas, independentes da consciência e da vontade dos agentes, as quais são capazes de orientar ou coagir suas práticas e representações. (BOURDIEU. 2004, p.149)

Embora o conceito de “baixo espiritismo” venha sendo ‘gradativamente modificado’, os cultos ainda passam por interpretações populares depreciativas, tais como culto de negros, mulatos e brancos pobres e isso quando não associado a libertinagem, malandragem, vulgaridade e outras designações que são entendidas como danosas à sociabilidade no todo, podendo isso ser explicado pelo conceito do *habitus*.

Explica Nogueira & Nogueira (2009, p.25-26) que

(...) o *habitus*, por estruturar a estrutura fazem com que os sujeitos ajam nas mais diversas situações sociais, não como um indivíduo qualquer, mas como um membro típico de um grupo ou classe social que ocupa uma posição determinada nas estruturas sociais. Ao agir dessa forma, o sujeito colabora, sem o saber, para reprodução as propriedades de seu grupo social de origem e a própria estrutura das posições sociais na qual ele foi formado.

Essa formação social e educacional que formaliza uma cultura segregacionista, carrega em si uma violência simbólica que por vezes nem mesmo é sentida pelo oprimido, fortalecendo o opressor e, mais uma vez, o *habitus* se faz presente.

Alguns acreditando que se reprimindo, omitindo ou mesmo aceitando os acontecimentos, devido as estruturas que historicamente sempre os coibiram, a situação pode mudar, não percebem que continuam a permitir que a barbárie continue apesar de intencionalidades governamentais de coibição.

Posicionamentos assim não corroboram para que haja as modificações necessárias de pensamentos e atitudes, principalmente porque no topo da cadeia das representações, são os que detém o capital simbólico, ou seja, a representatividade do poder, quem ditam as regras no campo de convivências, conveniências e sociabilização.

Como se fez necessário na busca da compreensão estudos que se voltaram não apenas ao fator histórico, se amparou a pesquisa em outras áreas de conhecimento científico se utilizando como fonte de referência entendimentos de historiadores como Laura de Mello e Souza e suas pesquisas em registros inquisitoriais no

Brasil-colônia; Wagner dos Santos Chagas e seus estudos sobre os processos de aprendizagem nos espaços umbandistas; Boris Fausto e seus conhecimentos sobre a historicidade do Brasil; os estudos da assistente social Tainá Machado Cardoso e suas pesquisas sobre os preconceitos contra os adeptos e mesmo, as religiões de influências afro.

Muito caro se mostrou o trabalho da Mestra em comunicação social Elita Maria Mendonça Cavalcante e seus estudos culturais sobre a *Umbanda*; Reginaldo Prandi, Pierre Verger e *sites* sobre conhecimentos da religiosidade e *itãs* africanos, ou seja, os contos míticos da vida das deidades consideradas como verdadeiras e passadas de geração à geração oralmente; o Doutor e Mestre em ciências sociais e da religião Anderson Marinho Maia e suas leituras e entendimentos sobre Roger Bastide; Rubens Saraceni e suas explicações sobre a entidade trabalhada; Maria da Conceição Ferreira Antunes e as suas ponderações sobre as histórias que podem ser lidas em fotografias.

Foi também, de primordial importância outros pesquisadores dos campos que se estruturou o trabalho como Hortência Caro Sanchez, Osvaldo Olavo Ortiz Solera, Alaíze dos Santos Conceição, Gilberto Freyre, Ademir Barbosa Junior, Beatriz Gallotti Mamigonian e alguns mais, que direta e indiretamente em muito contribuíram para a compreensão da religiosidade, da própria entidade em si e do comportamento feminino, possibilitando equacionar de forma experiencial e teórica a problemática observada sobre a sensualidade feminina no sagrado, por conseguinte no existencial.

Desta forma, em uma síntese mais objetiva, esse trabalho tem por finalidade tanto apresentar conhecimentos adquiridos no decorrer da pesquisa como, por meio de sua exposição demonstrar que mesmo em meio , estereótipos formulados, preconceitos e costumes não percebidos, as mulheres podem trazer e cultuar sua feminilidade sem receios, se tornando uma 'Maria' em todo o seu potencial criador e renovador apesar das imposições sobrepostas pela historicidade, não apenas brasileira, pode-se destacar, uma vez que essa percepção na sociabilização não se reduz apenas ao nosso espaço físico.

2 CAPÍTULO – TRAGETÓRIA E DESENVOLVIMENTO DA *UMBANDA*

2.1 A religiosidade afro e a História: submissão e resistência

Um dos fatores que mais se destacam na historicidade brasileira é como o país foi colonizado e como se deu seu desenvolvimento.

Assunto com várias narrativas históricas, umas contadas pelos que governavam, com cunho político, outras, narradas pelos que buscavam entender uma conjuntura econômica e, mais algumas, analisadas para entendimento em uma perspectiva social abrangendo assim uma formação geral, fato é, que o assunto se destaca para a compreensão da história brasileira devido as repercussões sentidas nesses campos até os dias atuais.

Possuindo os negros papel de destaque na narrativa dos fatos pelos percalços que sofreram por mais de quatro séculos, é sua religiosidade que se destaca neste estudo, tanto pelas lutas que travaram para manter seu elo de ligação com sua ancestralidade e pela simbologia que a sua religiosidade mostra, como, pela resignificação do que passaram, legando uma cultura a posteridade, ao qual, pesquisas realizadas indicam, se tornou não apenas fontes de estudo como riqueza cultural e espiritual, ocupando vazios que muitos homens sentem e buscam preencher, acredito.

Se voltando a acontecimentos históricos, informa Boris Fausto (1996) que homens e mulheres de variadas etnias foram trazidas para o Brasil proveniente do “Continente Negro” e que entre os anos de 1550 a 1855 mais de 4 milhões de escravos, na sua maioria homens, jovens e adultos, como se fica claro na figura 1 (um), desembarcaram nos portos do Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco, se destacando os primeiros locais como os maiores centros de disseminação da religiosidade afro durante os primeiros séculos de colonização.

Apontamentos de estudos posteriores, considerando não apenas estimativas como documentos, estimulam que o numerário desses cativos ultrapassou essa quantia. Informa Reginaldo Prandi (2000, p.1) que

Entre os anos de 1525 e 1851, mais de cinco milhões de africanos foram trazidos para o Brasil na condição de escravos, não estando incluídos neste número, que é uma aproximação, aqueles que morreram ainda em solo afri-

cano, vitimados pela violência da caça escravista, nem os que pereceram na travessia oceânica ²

Estes homens e mulheres sequestrados de suas terras, muitos, confinados a trabalhos desumanos para o enriquecimento, a princípio, da Metrópole lusitana e posteriormente de seus ‘senhores’, no decorrer do período escravista, ou seja, colonial, imperial e republicano, ocupou várias colocações de subsistência sem possibilidades de ascensão econômica e social, estivessem eles na condição de escravos, forros ou de ‘homens livres’.



FIGURA 1. Foto de um navio negreiro brasileiro, tirada por Marc Ferre
Fonte: GALEDÉS.

Disponível em: <https://www.geledes.org.br/9-expressoes-populares-com-origens-ligadas-escravidao-e-voce-nem-imaginava/>

Eufemismo político, social, econômico e ideológico, se observa nessa colocação jurídica de “homens livres” como informa João José Reis pautando as pesquisas de Beatriz Gallotti Mamigonian (2017). Comenta ele que a ideologia da suposta liberdade que muitos compraram e/ou ganharam escondia uma realidade bem

².Disponível em: https://reginaldopranci.ffe.ch.usp.br/sites/reginaldopranci.ffe.ch.usp.br/files/inline-files/De_afriano_a_afro-brasileiro.pdf

diferente daquela que os próprios negros a entendiam.

Pondera o historiador João José Reis no prefácio da obra de Beatriz Gallotti Mamigonian que

A própria concepção de liberdade que se procurou impor aos africanos representava uma afronta aos valores que conheceram lá do seu lado do Atlântico. Liberdade para os africanos era pertencer a uma comunidade, a uma linhagem, no interior da qual, a cada fase do ciclo de vida, se submetiam a rituais significativos de iniciação e se verificava sua inserção no processo produtivo. (MAMIGONIAN. 2017, p.5)

Indo além nessa introdução, deixa claro João José Reis que a concepção de liberdade entendida e propagada entre o período colonial e imperial nada mais foi que um artifício para reeducar os primeiros negros que foram trazidos da África e, posteriormente outros mais e os aqui nascido, os colonizando mentalmente “pela cristianização e outras formas de pensamento e comportamento”. (MAMIGONIAN. 2017, p.5-6)



FIGURA.2 – Santos negros da Igreja Rosário dos Homens Preto (1654) Recife – PE

Fonte: Sérgio Bernardo/JC Imagem. Disponível em:
<https://jc.ne10.uol.com.br/canal/cidades/geral/noticia/2018/11/18/santos-negros-maspe-lanca-exposicao-inedita-em-pernambuco-362146.php>

Sobre isso, aponta Anderson Machado de Oliveira (2008, *apud* Conceição, 2011) que no processo da cristianização imposta aos negros escravizados se introduziu o culto de adoração aos Santos e as Virgens, como testifica o acervo de esculturas na figura 2 (dois), e este processo permitiu que os mesmos fossem personificados como Santos e Virgens “negros” a partir do período colonial.

Mesmo impossibilitados de frequentarem as mesmas Igrejas dos seus senhores, o condicionamento a aceitação dos “Santos e Virgens” de seu credo possibilitou a Igreja e aos colonizadores colocar os escravos “consciente de sua posição dentro da engrenagem social” não mais como revoltados, mas, conhecedor da ocupação social de “povo pobre” por meio do “ensino da moral”. (HORNAERT *et al.* 2008, p.337 *apud* PEREIRA. 2018, p.14)

De acordo com relatos de pesquisas, o jesuíta Antônio Vieira afirmava que os escravos viviam em constante estado de rebelião, fugindo de engenhos e devido a isso eram ensinados que estavam condenados pelo pecado da desobediência não podendo, portanto, alcançarem as graças do Céu (HORNAERT *et al.* 2008 *apud* PEREIRA, 2018).

[...] a religião funcionava na maioria dos casos como uma lavagem cerebral no sentido de inculcar nos escravos as virtudes da obediência servil, da paciência passiva, da dependência, da entrega de sua dignidade. [...] os negros escravos adquiriram com o tempo, as virtudes do cativo, dentre elas, “a resignação” e, também” a mansidão, a paciência, a humildade, a submissão, finalmente a completa entrega da personalidade”. (HORNAERT *et al.* 2008 *apud* PEREIRA. 2018, p. 12)

Em meio as manipulações políticas e psicológicas, escassez de recursos materiais e condicionamentos sociais, muitos desses negros, na busca de não perderem sua própria identidade, adaptaram o que tinham, como antigos ensinamentos aos novos que lhes eram imputados religiosamente, legando a posteridade aspectos de suas crenças e direcionamentos.

Narrações históricas dizem que os primeiros povos escravizados no Brasil foram etnias indígenas (FREYRE, 2003), ao qual, inicialmente dizimados por moléstias pelo contato que travaram com os europeus tiveram, posteriormente, a intervenção da Igreja no direcionamento do regime dirigido aos nativos.

A escravização [...] chocou-se com uma série de inconvenientes, tendo em vista os fins da colonização. Os índios tinham uma cultura incompatível com o trabalho intensivo e regular e mais ainda compulsório, como pretendido pelos europeus. [...] faziam o necessário para garantir sua subsistência, [...] Muito de sua energia e imaginação era empregada nos rituais, nas celebrações e nas guerras. As noções de trabalho contínuo ou do que hoje chamaríamos de produtividade eram totalmente estranhas a eles. [...] duas tentativas básicas de sujeição dos índios por parte dos portugueses [...] realizada pelos colonos segundo um frio cálculo econômico, consistiu na escravização pura e simples. A outra foi tentada pelas ordens religiosas, principalmente pelos jesuítas, por motivos que tinham muito a ver com suas concepções missionárias. Ela consistiu no esforço em transformar os índios, através do ensino, em "bons cristãos", reunindo-os em pequenos povoados ou aldeias. (FAUSTO, 1996, p.28-29)

Vendo ruir a possibilidade de mão de obra iniciada pelo escambo, os 'colonizadores', envolvidos a uma percepção eurocêntrica que modelavam os pensamentos da época, não dirigiram o mesmo benefício aos negros, percebidos como seres inferiores e/ou moeda de troca no meio da expansão marítima e comercial.

[...] a partir da década de 1570 incentivou-se a importação de africanos, [...]facilitado pelo contato com sociedades que, em sua maioria, já conheciam o valor mercantil do escravo. [...]. Muitos escravos provinham de culturas em que trabalhos com ferro e a criação de gado eram usuais. Sua capacidade produtiva era assim bem superior à do indígena. [...]. Dentre os vários fatores que limitaram as possibilidades de rebeldia coletiva, lembremos que, ao contrário dos índios, os negros eram desenraizados de seu meio, separados arbitrariamente, lançados em levas sucessivas em território estranho. Por outro lado, nem a Igreja nem a Coroa se opuseram à escravização do negro. Ordens religiosas como a dos beneditinos estiveram mesmo entre os grandes proprietários de cativos. Vários argumentos foram utilizados para justificar a escravidão africana. Dizia-se que se tratava de uma instituição já existente na África e assim apenas transportavam-se cativos para o mundo cristão, onde seriam civilizados e salvos pelo conhecimento da verdadeira religião. (FAUSTO, 1996, p.29-30)

Informa o historiador Arno Wehling³ que “a ampliação do tráfico e sua organização em solidas bases empresariais permitiram criar um mercado negreiro transatlântico que deu estabilidade ao fluxo de mão-de-obra, aumentando a oferta”, o que tornou a mão escrava africana solução para vantajosos rendimentos econômicos.

Sendo esse um apontamento relevante sobre o sistema escravocrata e seu entendimento, outro fator importante sobre se anuncia por Gilberto Freyre (2003)

³ Disponível em: http://www.multirio.rj.gov.br/historia/modulo01/traf_negreiro.html

quando descreve o comando do poder que se foi instituído.

Evidencia este intérprete dos fatos sociológicos, históricos e antropológicos brasileiro que ao desbravar a colônia e tomar posse de terras, formando fazendas e, mantendo recluso o escravo, “as forças sociais se estruturam e começam a atuarem a partir de então, forjando regulamentos que ditaram conceitos sociais, políticos e econômicos” (FREYRE. 2003, p.114-115) que ainda são percebidos no Brasil.

Estigmatizados pelos pensamentos existenciais da época, os negros sequestrados e escravizados, pertencentes a várias etnias e com culturas próprias, como aponta Boris Fausto (1996), promoveu aqui um desenvolvimento histórico, social e antropológico que faz da ritualista religiosa remanescente deles, assunto tanto intrigante quanto estimulante, embora permaneça como bem evidencia Anderson Marino Maia (2018, p.48) percebido “como uma cultura de subsistência” uma vez que o entendimento do mundo “exige das religiões uma projeção de capital simbólico”.

Entendendo que esse capital figura como meio adquirido por determinada classe e que dá o consenso do que seja certo ou errado (CAMPOS: LIMA, 2018) pelo poder socialmente construído e possuído, seja econômico e/ou político, os rituais que tinham algum vestígio de associações religiosas de negros escravos e descendentes, assim como de nativos indígenas, eram entendidos como cultos, se não pagãos, de pessoas que não possuíam cultura.

Historicamente, buscando a compreensão das origens da religiosidade afro-brasileira se entende que os negros, construindo e criando grupos em que figuravam etnias diversificadas formaram, por conseguintes “nações”, formalizando a junção de vários deuses cultuados em suas terras e invocados para sua proteção.

Estudiosos acreditam que com isso surge a partir daí o nascimento do *Candomblé* e mesmo da *Umbanda*, ainda que não estruturada como nos dias de hoje, a “partir mesmo, da própria senzala”, destaca Ademir Barbosa Junior (2014, p15).

Entre os grupos étnicos de homens e mulheres do Continente Negro que abarrotaram os espaços das senzalas, os que tiveram maior contingência à mão de obra escrava para as lavouras da colônia foram os sudaneses, como os *iorubas*, *jejes* e *fanti-ashantis*, provenientes de reinos da Nigéria, Daomé e Costa do Marfim, assim como os do tronco linguístico *banto*, como os angola-congoleses e moçambiques, capturados em reinos tribais de Angola, Moçambique e Congo. (FAUSTO, 1996)

Obrigados a crerem por ordem de força maior e castigos diversos, os negros gradativamente 'implantaram' em seus cultos religiosos bases doutrinárias do cristianismo, como suas orações.

Sabe-se em conjunturas históricas, que desde a colonização o fator da doutrinação cristã era lei e como os negros africanos cativos não podiam cultuar seus deuses (FAUSTO, 1996), as associações que fizeram destes com os santos católicos confundem todos que não entendem esse 'sincretismo'.

Sobre essa associação, pondera Henry Corbin (2008 *apud* CARVALHO; BAIRRÃO, 2017) que possíveis concepções podem não ser correspondentes ao que se é afirmado. Adverte ele que as

[...] escolas de pensamento hegemônicas desqualificam outras tradições por uma ilusão de ótica inclinada a aprisioná-las em categorias superficiais e dogmáticas, alheias à sua lógica interna. Na realidade, tal olhar diacrônico motivar-se-ia por uma tendência histórica de pensar e distorcer o outro mediante conceitos que lhe são extemporâneos, como se a compreensão das suas razões e modos de ser tivesse de se procurar noutros lugares ou noutros tempos. (CARVALHO; BAIRRÃO, 2017, p.148)

Para os negros africanos e seus descendentes, na herança cultural e religiosa transmitidas aos seus

Não existe um mundo laico, da carne e outro espiritual, divino, como normalmente estamos acostumados a conceber na medida em que somos frutos desta oposição entre o bem e o mal que fundamenta as raízes do cristianismo e outras religiões baseadas na constituição do sagrado e do profano. (CAPPELLI, 2010, p. 328 *apud* CARDOSO, 2015, p.16)

Com uma cultura rica de conhecimentos como enriquecida com os aprendizados decorrentes da própria historicidade do povo subjugado e de algumas entidades que fazem parte dos rituais, a *Umbanda* e seus adeptos ainda se veem pressionados socialmente diante do exercício de seus rituais, mesmo com garantias instituídas para manifestação de seu credo.

Em relação a esses direitos e orientações segregacionistas, instituídas em leis e nelas camufladas, podemos observar 'garantias' não respeitadas que possuíam diante da Primeira Constituinte (1891) ao qual dita que

Todos os indivíduos e confissões religiosas podiam exercer pública e livremente o seu culto, podendo as pessoas se associarem para a aquisição de bens, respeitando o direito comum, assim como locais como cemitérios, administrados por autoridades governamentais podiam ser utilizados para cultos religiosos desde que não ofendessem a moral e as leis públicas e nenhum culto ou Igreja teriam subvenção oficial ou relações de dependência (BRASIL. C.F/1891. Art.72)⁴

No sentido segregacionista, evidencia a sentença, fatores como “ofensas a moral”, como era percebida a religião atual e culto na época, em uma sociedade primada em preceitos ortodoxos da igreja católica romana.

Considerando como a mentalidade vigente a entendia assim como os praticantes do culto, percebidos como mercadorias de valor inferior a muitos bens materiais possuídos, a busca e implantação de uma socialização firmada na liberdade, igualdade e fraternidade, nunca chegou a acontecer, apesar da intencionalidade real de alguns.

Evidencia Gilson Ciarallo (2011 *apud* ZEFERINO. 2015, p.70) que

Este anticlericalismo, sobretudo movida contra o chamado catolicismo ultramontano, também teve espaço importante no pensamento dos defensores da liberdade religiosa, os quais eram liberais, como Rui Barbosa e Tobias Barreto, que defendiam a autonomia do indivíduo. Deste contexto de enfraquecimento da presença clerical na política, juntamente com o esforço dos liberais e positivistas em prol da autonomia do indivíduo e da separação do Estado da Igreja, culmina na constituição de 1891...

Em seguimento de instituições e coibições históricas sobre o exercer do credo religioso, a Constituição Federal de 1934 proclama ser “inviolável a liberdade de consciência e de crença” (REIMER 2013 *apud* ZEFERINO, 2015, p.71)

ficando garantido o livre exercício dos cultos religiosos, desde que não contravenham à ordem pública e aos bons costumes, adquirindo assim as associações religiosas personalidade jurídica nos termos da lei civil. (REIMER 2013 *apud* ZEFERINO, 2015, p.71)

⁴. Resumo dos Artigo 72, § 3º ao 7º (Seção II – Declaração de Direitos) disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao91.ht

A Constituição Federal de 1946⁵ assegurava que seria “inviolável a liberdade de consciência e de crença” podendo as pessoas exercerem livremente seus cultos religiosos, “salvo o dos que contrariassem a ordem pública ou os bons costumes”.

A de 1967⁶, proclamava “que era plena a liberdade de consciência, ficando assegurado aos crentes o exercício dos cultos religiosos e mais uma desde que “não contrariassem a ordem pública e os bons costumes”.

Em uma progressão de adeptos iniciados com o culto a vários Orixás, partindo das senzalas, acrescentado com os descendentes dos que lá viveram e dos novos ‘cidadãos’, imigrantes que foram trazidos para promoção do ‘progresso’ nacional e incrementar o numerário dos despossuídos, desde a primeira Carta Republicana os cultos afro sempre esbarravam em instituições de controle como práticas que se colocam contrarias “a ordem pública e aos bons costumes”.

Mesmo se tendo maior amparo com a última Carta Magna de 1988 e por determinações jurídicas como a Lei 7716/89, conhecida como Lei CAÓ⁷, que enquadra como crime ofensas religiosas contra cultos e adeptos da raiz afro assim como discriminação racial e sexual, é comum ainda se ter ocorrências sobre atentados contra a religião e seus adeptos, seja em perspectivas concretas, no caso físicas e/ou psicológicas, advindas por ofensas a escolhas do credo e cultos as suas divindades.

Estimulados diante a novas tentativas de aquisição de direitos, alguns acreditando estarem amparados se mostram, contudo, as perseguições prosseguem, com sutileza ou abertamente, a instigarem pensamentos e alimentarem designações depreciativas contra os adeptos da *Umbanda* como mostram estudos e estatísticas sobre (SALES, 2017), apontando ocorrências de desrespeito e profanações a adeptos e templos.

Muitas das induções as ofensas se fundamentam por pouca ou nenhuma base de conhecimento sobre a religiosidade professada, cultos e entidades, ocasionando aos fiéis, perseguições provenientes de deturpações sobre suas reais intenções e buscas espirituais, como exemplifica os estudos de Taina Machado Cardoso (2015, p.38)

⁵. Artigo 141, § 7º. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao46.htm

⁶. Artigo 150, § 5º Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao67.htm

⁷ Lei 7716/89 conhecida como Lei Caó prevê pena de um a cinco anos de reclusão para crimes praticados por intolerantes religiosos (http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7716.htm)

De acordo Giacomini (2013), são nas ruas, na via pública, que mais frequentemente ocorrem as agressões e a discriminação. Na maioria dos casos a agressão é verbal, dirigindo ofensas aos religiosos, acusando-os de “filhos do demônio”, “adorador do diabo”, “macumbeiros”, entre outros. “Mais de dois terços - 67% - de todos os atos de agressão ou discriminação contra as religiões de matrizes africanas relatados acontecem em via pública.”

Vivenciando uma religiosidade repleta de preconceitos e racismo étnico e social cujo sintomas ainda se faz presente, a *Umbanda* passou por significantes mudanças desde o dia em que uns afirmam ter nascidos e outros, ainda que não com estas palavras, ponderam, ter “evoluído” e sobressaído do anonimato, assunto, tratado a seguir.

2.1.1 Umbanda – uma visão histórica, social e antropológica

Vivenciando uma crença ao qual acreditavam que seus Orixás os uniam a Criação, os negros de outrora de forma peculiar cimentou conhecimentos ancestrais aos ensinamentos forçados a sua profissão de fé, legando a posteridade um credo que ensina que tudo e todos, em crescente transformação, sempre contribuem para o movimento evolutivo do homem como os estudos de sua crença apontam.

Observa Juliana Barros Carvalho e José Francisco Bairrão (2017) que a forma como a religiosidade umbandista ficou elaborada possibilita que as mudanças ocorridas abracem e juntem as diferenças sem o rompimento com suas origens, sem o esquecimento de sua ancestralidade.

Há a mutação no âmbito doutrinário, em roupagens que não correspondem à sua especificidade religiosa, e ao mesmo tempo a manutenção de um fazer espiritual, e de uma visão de mundo ligada a recursos culturais antigos que parecem indicar um empréstimo de um modo de ser afro-brasileiro a outros contextos e linguagens. O que se aponta na literatura sobre a umbanda como a soma de outras tradições pode ser visto no fundo como um tipo de espiritualidade em que não importa a forma, mas o fazer. O que lhe é mais tradicional seria a sua capacidade de sempre se refazer original. (CARVALHO; BAIRRÃO. 2017, p.154)

Envolvidos em uma cosmogonia que socialmente ainda é entendida por muitos como sendo credence das classes mais populares, ao qual seus adeptos recorrem as entidades para a resolução de seus problemas em âmbitos emocionais, afetivos, materiais e espirituais (GUIMARÃES; GARCIA, 2017), informam a maior parte da literatura sobre, que a *Umbanda* nasceu a partir da primeira sessão de assistência nos idos anos de 1908 pelo médium Zélio Fernandino de Moraes, jovem de 17 anos que acometido por uma paralisia que o reteve na cama por dias se restabeleceu depois de ter tido contato com espíritos que se tornaram, posteriormente, seus guias espirituais (JUNIOR, 2014, p.21)

A família, adeptos e praticantes do catolicismo, recorreu a médicos que pouco souberam dizer sobre o mal que o acometia, como, a benzedeiros que informaram aos pais que o jovem deveria desenvolver sua espiritualidade.

Recomendados por amigos para que assim o fizessem, os pais em 15 de novembro de 1908 o levaram a Federação Espírita do Rio de Janeiro, São Gonçalo, Niterói, município onde residiam e sendo o jovem convidado a sentar na Mesa do Centro Espírita Kardecista para receber a ajuda espiritual, diversas entidades começaram a se comunicar.

Se identificando como sendo espíritos de Caboclos e Pretos-Velhos, índios e escravos, respectivamente, o dirigente da Mesa Espiritual, José de Souza, pediu para que se retirassem, alegando serem espíritos 'atrasados'.

Neste momento incorpora no jovem Zélio o espírito que se denominou como Caboclo das Sete Encruzilhadas, esclarecendo aos presentes que em vida anterior fora um clérigo chamado Gabriel Malagrida, condenado como feiticeiro e queimado pela própria Igreja que servia por ter previsto e comunicado a seus superiores o terremoto que destruiu a cidade de Lisboa em 1755, mas que em sua última encarnação fora um "caboclo brasileiro" (JUNIOR, 2014).

Continuando o que pretendia esclarecer a entidade comunicou que como ali não havia espaço para espíritos de negros e índios cumprirem sua missão e continuarem seu desenvolvimento espiritual, a partir do dia seguinte, 16 de novembro, teriam local apropriado para isto, informa a fonte, e "nasce", para muitos, neste momento, a *Umbanda*, se formalizando e se expandindo.

Buscando o entendimento a partir de tais informações, se pôde começar a compreender que a *Umbanda* e todo mistério e complexidade que possui, chegou a conhecimento e integração com a população de forma massiva a pouco mais de um

século e tem como fundamento, em contexto geral, o espiritismo, ou seja, a comunicação com os espíritos, o sincretismo com os Santos católicos e, o culto aos orixás africanos e deidades ameríndios.

Evidenciando que muitos observam o espiritismo manifestado com base nos critérios kardecista, explica Candido Procopio Camargo (1961 *apud* CAVALCANTE, 2018, p.29) que “a base do kardecismo está na crença da existência de um Deus criador do universo, onipotente e onipresente (o mesmo da tradição judaico-cristã), ápice de toda evolução”. Neste mesmo sentido as crenças das linhas da *Umbanda* verificam o espiritismo semelhante a doutrinação espírita kardecista e observam que

Por essa mesma evolução, ele está muito distante dos humanos, mas se liga a eles por meio dos guias: espíritos de pessoas mortas, “desencarnados”, cuja missão é ajudar os vivos a evoluírem através da prática de caridade, do bem e do amor aos semelhantes. Estes espíritos podem se comunicar através da incorporação, da escrita psicografada, ou pela própria reencarnação na Terra – crença central desse sistema religioso. (CAMARGO, 1961 *apud* CAVALCANTE. 2018, p. 29)

Historicamente, entre estudiosos do assunto sobre a *Umbanda*, existe uma premente discordância entre ‘nascimento’ e ‘evidenciação’ na medida que uns informam que ela nasceu em inícios do século XX (JUNIOR, 2014) com Zélio Fernandino em decorrência da comunicação do Caboclo Sete Encruzilhadas e por meio dele viabilizou a expansão e o reconhecimento entre outros médiuns como mostra a figura 3 (três). Outros, contudo, que ela nesta data apenas se evidenciou, pois, bem antes já se formalizava, embora não com este nome.

Em relação a essa ponderação, pode-se exemplificar os estudos realizados por Laura de Mello e Souza no ano de 1984, ao qual evidencia que antes mesmo do ‘nascimento’ da *Umbanda* no Rio de Janeiro em 1908, praticas semelhantes aos seus rituais já tinham sido registradas em Minas Gerais no período colonial e, embora as ritualísticas não podem ser comprovadas como sendo as mesmas, os *modus operandi* se assemelham, possibilitando com isso não considerar a *Umbanda* nascida no tempo propagado, mas sim, oficializada na data em que se diz ter nascido.



FIGURA 3 – Zélio Fernandino de Moraes em reunião na Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade. Fonte: Acervo TENSF Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-44297088>)

Sem entrar no mérito da discussão, pois o intuito do estudo não é esse, fato a ser considerado historicamente é que em relação ao culto,

Apesar dos efeitos destrutivos que o tráfico e o sistema escravocrata imprimiram nos costumes africanos, a memória coletiva negra conseguiu encarnar-se no solo brasileiro. Preserva-se desta forma o culto de grande parte dos deuses africanos, ao mesmo tempo em que se reinterpreta determinadas práticas e costumes Pouco a pouco a herança africana se transforma assim em elementos culturais afro-brasileiros. (ORTIZ, 1991, p. 21 *apud* CAVALCANTE, 2018, p.26).

Nessa análise, se observa que no desenvolvimento dos acontecimentos da escravatura, o que os negros africanos trouxeram consigo em seu calvário se mesclaram as tradições que aqui também estavam a se manifestar a exemplo dos cultos indígenas e estes traços culturais, se não percebidos como folclóricos e turísticos pela maior parte da população, se deparam com o segregacionismo e preconceitos, cujo alicerce se configura em implicações sociopolíticas, culturais e econômicas.

Informa Osvaldo Ortiz (1991, *apud* CAVALCANTE, 2018) que o século XIX foi de grande importância para assimilar o contexto da formação da *Umbanda*, mas o período colonial carrega em si um bojo de informações que não podem ser negligenciadas.

A senzala foi um agregador do povo africano. Escravos muitas vezes apartados de suas famílias e divididos propositadamente em grupos culturais e linguisticamente diferentes, por vezes antagônicos, para evitar rebeliões, organizaram-se de modo a criar uma pequena África, o que posteriormente se refletiu nos terreiros de Candomblé, onde Orixás procedentes de regiões e clãs diversos passaram a ser cultuados numa mesma casa religiosa. Entretanto, o culto aos Orixás era velado, uma vez que a elite branca católica considerava as expressões de espiritualidade e fé dos africanos e seus descendentes como associada ao mal, ao Diabo cristão, caracterizando-a pejorativamente como primitiva. (JUNIOR. 2014, p.64)

Se atendo a tal informação, se encontrou leituras (MAMIGONIAN, 2017) ao qual mostram que desde o período da colonização, os negros escravizados e posteriormente 'libertos' procuraram de alguma forma se comunicar, fossem por meio de fugas, rebeliões e posteriores petições. A impossibilidade de levantar a voz desde o período colonial, viabilizou que entre eles fossem construídos uma resistência muda demonstrada por meio de sua fé e religiosidade.

Para manter sua liberdade de culto, ainda que restrita ao ambiente da senzala, ou, de modo escondido, nos pontos de força da natureza ligados a cada Orixá, os escravos recorreram ao sincretismo religioso, associando cada Orixá a um santo católico. Tal associação também apresenta caráter plural e continuou ao longo dos séculos, daí a diversidade de associações sincréticas. (JUNIOR. 2014, p.64)

De acordo com Roger Bastide (1971 *apud* MAIA, 2018) o espiritismo introduzido e formalizado na *Umbanda*, ocorreu em fases que se metamorfosearam.

Iniciado pelos sequestros e comercialização dos negros que possibilitaram a formação de grupos escravos e junção de deidades referenciais, se seguiu, informa a fonte, pelas mudanças estruturais que conduziram os mesmos a ficarem a margem da sociedade em uma estrutura econômica que levou o anseio de ascensão e a tentativa de estabelecer a cultura dilacerada.

Contudo, em relação a religiosidade, estudos como os de Laura de Mello e Souza (2002) apontam que bem antes do espiritismo, que alguns observam como proveniente e/ou semelhante ao kardecista implantado no Brasil por volta de 1863 pelos intelectuais liberais da época, a manifestação e comunicação espiritual existente nos ritos de negros já ocorriam.

Em suas pesquisas, a historiadora observa que nos anos de 1743, em documentação oficial, já se tem notificações sobre o “espiritismo” em terras brasileiras com uso e práticas utilizado por uma negra angolana já trazida escrava de sua terra.

Informa as pesquisas dos registros inquisitoriais que a negra ficava:

[...] "como fora de seu juízo, por lhe vir nessa ocasião a doença da sua terra, a que chamam calundus": ficava parada, "com os olhos nos céus por algum espaço de tempo", abaixando então a cabeça, fazendo uma cortesia e passando a olhar para os doentes a fim de ver quais tinham cura e quais iam morrer. Na ocasião, entravam-lhe pelos ouvidos "os ventos de adivinhar", e passava "a dizer os remédios que se hão de aplicar, e a forma por que se hão de fazer": beberagens feitas com a mistura de vinho e do suco de várias ervas, papas de farinha, raiz de butua, pau santo costurado a uma fita que se enrolava no braço dos doentes a fim de protegê-los dos feitiços. Mandava que as pessoas doentes deitassem no chão e passava por cima delas "repetidas vezes, esfregando-as juntamente com as ervas" para que lançassem fora os feitiços. (MELLO E SOUZA, 2002, p.10)

Mesmo que nomes como *Candomblé* e *Umbanda* não tenha sido utilizado para determinar a prática denominada de “*Calundu*” o espiritismo de características umbandistas, que muitos asseguram ser kardecista, já se mostrava ativo.

Salienta Laura de Mello e Souza (2002, p.9) que, no “*calundu* de Luzia Pinta”, a ritualística do culto africano, continente que a negra nasceu e passou parte de sua primeira infância, “parecem estar todos, ou quase todos os elementos de um ritual *banto* de caráter coletivo, onde a possessão e um oficiante especializado têm papel de destaque”. Informa a historiadora que

Como praticamente todos os demais de que se têm notícia, o calundu de Luzia Pinta desenrola-se num espaço privado que pode ser franqueado ao público: acontece numa casa, e não num espaço aberto - florestas, campos, vales, como os sabás europeus dos séculos XVI e XVII. [...] vestia-se nas cerimônias que protagonizou em Sabará com "certos trajes" incomuns nas Minas, "à moda de anjo" com fita larga amarrada na cabeça e as pontas jogadas para trás, trazendo "várias invenções à moda turquesca, com trunfa a modo de meia lua na cabeça e com um espadim na mão", ou ainda usando uma espécie de grinalda de penas ou penachos nos ouvidos. [...], "mandou fazer a modo de um altar com seu pano por cima à maneira de dossel", aonde ficava com "um instrumento de ferro na mão, pela forma de cutelo ou alfange", fazendo-se acompanhar por pessoas que cantavam e tocavam cerca de duas horas. Os instrumentos eram timbales ou atabaques pequenos, que tocados de modo repetido, provocavam a obsessão. (MELLO E SOUZA, 2002, p.9-10)

Sobre o trabalho e pesquisas de Laura de Mello e Souza destaca Luiz Mott (1993 *apud* MELLO E SOUZA, 2002, p.2-3) que o mesmo

[...] trata-se da melhor e mais antiga descrição manuscrita de um calundu-angola - já que os outros relatos congêneres já publicados, como a dança de tunda, além de mais recentes, referem-se à tradição dos Orixás da Costa da Mina, enquanto o calundu de Luzia Pinta é tipicamente enraizado no ritual *xinguila* da nação Angola. [...] observar como se organizavam tais rituais bantos antes do cooptação pelo complexo religioso dos Orixás, posto revelar-se estruturalmente diverso do que hoje em dia é conhecido por candomblé-angola. Por fim, o calundu-angola poderia ser a matriz primordial dos rituais hoje denominados de umbanda", nos quais persistiria ao lado "dos orixás e cerimônias emprestadas ao candomblé como um traço a mais do sincretismo umbandista de origem afro-luso-ameríndio-brasileiro.

De acordo com o candomblecista Mario Filho⁸ e seus estudos, o povo *banto*, proveniente da África subsaariana e os primeiros escravizados ao Brasil-Colônia, tinham antes da chegada dos portugueses ao reino do Congo, a religião “*Ototon*”, isto é, a *Umbanda* como culto, significando a mesma a cura do corpo e da alma e quem a praticava, tinham por meio de seus sacerdotes, chamados de *quiumbandas*, a assistência pessoal que procuravam realizadas.

Explica Wagner dos Santos Chagas (2017, p.58) que a “*Umbanda* é uma religião constituída por elementos da religiosidade dos povos *Banto*” e que de acordo com Lopes (2008 *apud* CHAGAS, 2017) o termo “*Banto*” é a generalização de um grupo com cerca de 2.000 (duas mil) línguas africanas.

Sobressalta Wagner dos Santos Chagas (2017) que a origem histórica desse grupo pode recuar aos processos migratórios ocorridos no continente a mais de dois mil e quinhentos (2.500) anos e a “diáspora plantou as sementes da cultura *Banto* por mais de dois terços da África Negra. (CHAGAS. 2017, p. 59)

⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PkmlecBN4qM&t=314s> e https://pensamentovoa.wordpress.com/page/2/?fbclid=IwAR0WI2WyDjTX2o_eD9n9IQ-AiOp6d0k8fcabRsFgEQaTEyhHr-6iJEcp8Xw

Diante de tais apontamentos, a negação de um possível culto e religiosidade afro em tempos coloniais, evidencia, que algumas ponderações de estudos científicos, desconsiderando outras áreas de estudos, por inacessibilidade podemos considerar, pode ser ter sido usado para alicerçar os preconceitos contra a religiosidade afro e seus adeptos, mostrando a estrutura do *habitus* na sociabilização brasileira proveniente desde a colonização.

Apesar de sua relevância e força explicativa, as ideias de que a Umbanda é resultado dos processos de “embranquecimento” das práticas religiosas dos negros escravizados; de processos de urbanização no século XX correlacionados à integração de ideologias dominantes de ordem e progresso, ao lado da busca por origens, foram muito exploradas. Concordo, assim, com a observação de Cavalcanti (1985, p. 18) de que a interpretação da Umbanda foi marcada profundamente por uma perspectiva sociológica, em detrimento do simbolismo. (BRITO. 2016, p. 27)

Evitando reducionismo, mas, contrapondo argumentações, as indicações mostram que os negros até meados do século passado não podiam nem mesmo possuírem um referencial cultural próprio, pois, como argumenta Roger Bastide (*apud* MAIA, 2018), o culto apenas buscou seu reconhecimento e oficialização em meio a necessidade de saírem da margem social e de unir, ao que parece, o que nunca foi rompido, como mostra os estudos de Laura de Mello e Souza, na comparação do culto no ontem e da religiosidade no hoje.

3 CAPÍTULO – OS ORIXÁS E SUA SIMBOLOGIA

3.1 Os *Itãs* sagrados e a formação do mundo

Nas tradições antigas, ao contrário da atualidade cujas informações podem ser encontradas com maior acesso, os ensinamentos eram passados oralmente. Para alguns estudiosos, tais relatos históricos não são fontes de confiabilidade para a construção da memória de um povo, contudo para outros ela pode representar uma metodologia que une o teórico e o prático de uma pesquisa científica (FREITAS 2002), pois como afirma Edward Palmer Thompson (1992, p.17), “A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos”

Com esse entendimento e considerando o fator de narrações históricas contadas em uma perspectiva com foco bem mais político do que social, como foi narrado os ensinamentos da historicidade brasileira até algumas décadas atrás, este capítulo se volta aos *itãs* africanos, contos míticos com grande riqueza de ensinamento sobre suas crenças religiosas e se bem analisado, ensinamentos sociais.

Embora haja outros Orixás no panteão masculino da cultura afro nas muitas casas de *Umbanda*, os mais tradicionais e cultuados, são *Oxalá*, *Xangô*, *Oxóssi* e *Ogum*.

O mais venerado entre estes é *Oxalá*, o orixá que alguns acreditam corresponder a Jesus Cristo, o salvador da humanidade no credo católico e protestante. Este orixá forma, com *Olorum*, o Criador do Universo e *Ifá*, o Espírito, a Trindade Primitiva (PINTO, 2007).

Considerado o Pai Criador ou o Grande Pai dos demais orixás é ele o Senhor da paz, da superioridade espiritual e do poder que esta encerra. Diz a lenda que é o responsável pela criação do homem a partir do barro fornecido por *Naná Buruquê* e permitiu, no início da criação, seus filhos escolherem seus próprios caminhos.

Devido a esse consentimento divino, o homem tem o direito do livre arbítrio e o poder de o usar para chegar à evolução, entrando em comunhão com a Criação, ou não.

De acordo com as lendas da criação narrada pelo povo africano, informa Denise Freitas de Oliveira *et.a^o* que este “Grande orixá” ou “Rei do Pano Branco”, sendo

o primeiro ser criado por *Olorum*, era obstinado e independente e foi encarregado pelo Pai de Todos e de Tudo a criar o mundo.

Diz seu *itã* que possuindo esse orixá o poder da sugestão e da realização *Olorum* lhe confiou a posse do saco da criação e uma galinha, mas, ao partir para execução de sua tarefa se recusou a cumprir as regras de respeito ao próximo e sem oferecer préstimos a *exu*, o orixá da comunicação e dos caminhos, iniciou sua jornada para a criação.

Exu se sentindo desrespeitado levou *Oxalá*, antes de sua partida, a sentir intensa sede e este para saciá-la utilizou seu *òpa*, também chamado de *osorò* ou *paxorô*, um cajado de estanho cerimonial, para furar a casca do tronco de um dendzeiro. Ao beber o líquido refrescante, conhecido como vinho de palma, se embriagou.

Odudua, o segundo orixá criado por *Olorum*, vendo *Oxalá* adormecido tirou-lhe o saco da criação e o apresentou a *Olorum*. O Criador ao saber que *Oxalá* se encontrava embriagado determinou que fosse ela, *Odudua*, fazer o trabalho da criação.

Saindo do *orum*, se encontrou *Odudua* diante de uma extensão ilimitada. Ao deixar cair o saco de suas mãos viu uma substância marrom ser formada.

A galinha que também cairá, ao sentir sobre seus pés algo solido começou a ciscar e formou montículo e espalhando a terra essa se expandiu e teve origem a cidade de *Ilê Ifê*, local em que *Odudua* se estabeleceu assim como outros orixás e começou a reinar sobre *ayé*.

Ao acordar e não encontrar o “saco da criação” *Oxalá* foi ter com *Olorum* e este como castigo a atitude negligente do Grande orixá, proibiu a ele e a todos os *orixás-Funfun*, pertencente a sua família, isto é, os orixás Brancos, de beberem vinho de palma ou mesmo usarem azeite-de-dendê, mas possibilitou, em reparo de seu erro que Ele, *oxalá*, pudesse modelar do barro o corpo de um novo ser, o homem, ao qual, o próprio *Olorum* lhes insuflaria o sopro da vida.

Por esta razão *Oxalá* também é chamado de *Alamorerê*, o “proprietário da boa argila”, se tornando com *Iemanjá*, o Pai e a Mãe da Criação, respectivamente.

⁹. Disponível em: <https://www.paimaneco.org.br/2012/01/31/lendas-de-oxala/>

Narra o *itã*, que *Oxalá* sem levar a sério a proibição começa a modelar do barro recebido por *Naná Buruquê* os corpos que saíam, alguns, deformados e outros malcozidos e devido a isso todos que se enquadram nestas “imperfeições” do corpo são consagrados a ele e recebem como recompensa algumas das características de sua essência pessoal.

Outro bastante cultuado é *Xangô*, visto nas tradições afro e brasileira como o senhor dos trovões e da justiça. Aquele que dá ao homem os frutos do que plantou em semeadura no convívio com o próximo, agindo com imparcialidade com aqueles que o invocam na resolução de suas causas.

De acordo com a fonte, Rubens Saraceni¹⁰ diz que sendo ele o juiz diante da ordenação das leis divina, deu a sua amada esposa *Iansã* o poder de ser a executora da sentença a ser aplicada ao homem, seja de benefícios ou castigos.

A ela compete agir com o rigor exigido para o reequilíbrio astral dos espíritos. Ela não é um espírito, mas sim um orixá da Lei, que tem como função levar a todos os planos as mensagens do Guardião das Leis. A seu respeito, pouco pode ser revelado, porque ela age através da força da água na Natureza. Ela distribui aos Eguns o fluido que sacia sua sede por clemência diante da Lei, e os purifica antes de encaminhá-los aos seus planos. (SARACENI, Umbanda Sagrada).

Narra um de seus *Itã* (CHAIB & RODRIGUES, 2000) que esse foi um poderoso rei da cidade de *Oyó* e governando terras onde havia grande fartura, seus súditos viviam em permanente alegria.

Sendo um guerreiro vaidoso e superficial, não gostava do que não fosse belo e esplendoroso. Repudiava tudo e todos que não se enquadrassem nesses atributos, evitando assim o contato com tudo o que considerava como “feio” e não lhe agradava. Certo dia, exu, o guardador dos caminhos e emissário entre os dois mundos deparou com sua guarda e como se encontrava maltrapilho foi ameaçado e expulso do reino. Ofendido, prometeu se vingar.

¹⁰. Disponível em: <http://simplesmenteumbanda.blogspot.com/2015/03/36-iansa.html>

Tempos depois, *oxalá*, pai de *Xangô*, ao ir ter com o filho para uma visita se deparou com exu, que premeditando dar vez a ofensa tida fez com que *Oxalá* chegasse as portas do reino todo sujo, pois, sob encantamento, mesmo percebendo seu aspecto, nada pode fazer para se limpar.

Sem que pudesse ser reconhecido e sendo comparado a um mendigo, *oxalá* foi açoitado e encarcerado e na prisão encontrou muitos inocentes injustiçados. Irrado, amaldiçoou o reino e esse foi se deteriorando, havendo a partir de então a falta de fartura e alegrias.

Durante 7 (sete) anos sem entender o porquê de tanta falta de recursos e muitas tristezas, *Xangô* consultando um sábio teve conhecimento do acontecido e ciente, mandou tirar o pai do cárcere e o cobriu de cuidados. Contudo, para atenuar seus erros, seu pai cobrou-lhes que a partir daquele instante seu governo fosse regido com equilíbrio e justiça, exigindo, portanto, uma percepção que fosse além das aparências.

O *itã* de *Oxóssi* conta que o orixá das matas e dos animais, senhor da flora e da fauna foi exímio caçador e hábil estrategista, garantindo assim a subsistência de seu povo. No plano carnal, foi um homem chamado *Odé*.

Um dia saiu para caçar sem consultar o *Ifá* e sem cumprir com os ritos. Mesmo sendo excelente caçador, devido a falta cometida, não conseguiu mais abater nenhum animal. Com o decorrer do tempo encontrou na floresta *Oxumaré* em sua forma terrestre, uma serpente que pediu para que a preservasse, contudo a matou, cortou e levou para casa.

Depois de comer a caça foi dormir e no dia seguinte, sua esposa *Oxum* o encontrou morto, tendo ao seu lado, marcando o piso, um rastro de cobra saindo de seu corpo em direção a mata.

Em comiseração a *Oxum*, que muito chorava e lamentava a perda do esposo e perdoara a ofensa cometida a sua própria essência (*Oxumaré*), o *Ifá* o fez renascer como orixá de nome *Oxóssi*, senhor da caça e da fartura, passando a partir daí a viver permanentemente na (s) floresta (s), local dos espíritos e dos antepassados femininos.

Ogum, associado ao soldado e executor das determinações divinas é cultuado como um deus guerreiro e protetor de todos aqueles que Nele confiam e buscam auxílio. Diz a lenda que foi quem ensinou aos homens as tecnologias para construção de ferramentas em auxílio a sua sobrevivência, seja para providência de sua

segurança como de sua subsistência, estando assim, associado ao ferro, a forja, a agricultura, a abertura dos caminhos, a guerra e a paz.

Dentre os *itãs* desse orixá, uma conta que ele era filho de *Odudua* e um jovem guerreiro que em suas lutas sempre saia vitorioso e carregava consigo os despojos das guerras para as terras de seu pai, um *onir* de *Ifé*, mas por conquistar outros territórios e adquirir muitas riquezas, o rapaz logo se tornou *onir*.

Polígamo, teve como consorte *Oiá*, *Oxum*, *Obá* e *Ojá*. As três primeiras foram também consortes de seu irmão e rival *Xangô* e, com a última teve seu filho *Oxóssi*, que recebeu por herança, o reino conquistado pelo pai.

Um dia, ao regressar para seu reino, depois de muito tempo afastado encontrou-o em festividade. Nesta celebração se exigia que as pessoas não falassem ou olhassem para o próximo. Com fome, sede e sem ninguém para atendê-lo, se sentiu desprezado e humilhado, sentimentos que o levaram a fúria, o conduzindo a decapitação de muitos de seus súditos.

Terminado o período da cerimônia religiosa, alguns de seus subordinados, juntamente com seu filho *Oxóssi*, veio lhe servir e sabendo dos procedimentos e rituais do cerimonial ficou inconsolável pelo que havia feito, se acreditando não ser digno do reino que possuía.

A consciência do que tinha feito e o real arrependimento de o tê-lo realizado com suas próprias mãos o envergonhava e auto se punindo internamente enfiou, certo dia, sua espada no chão e em segundos esse se abriu e o engoliu. *Ogum* foi para *orum*, o céu dos deuses e desde então se tornou um orixá.

No panteão feminino os orixás mais cultuados pelos umbandistas são *Iansã*, *Oxum* e *Yemanjá*.

A primeira, cultuada como rainha dos ventos, raios e tempestade, é entendida como uma temida guerreira e bela mulher que não renuncia a sua vaidade e de seu poder de sedução. Diz um de seus *itãs* que foi esposa de *Ogum*, mas o deixou pelo seu irmão *Xangô*, os tornando a partir de então rivais.

Certa vez, em uma festividade no palácio de *Xangô*, narra o *itã*, todos os se divertiam com exceção de *Obaluaê* que repugnava o vaidoso rei devido as suas chagas. *Ogum* acreditando que isso era injusto se dispôs a ajuda-lo providenciado uma roupagem de palha que o cobriu da cabeça aos pés e com isso ele também foi festejar, porém, ninguém queria dançar com ele e *Iansã* que a tudo observava se aproximou dele e se tomou seu par no “*xirê*”.

Ao começar a dançar ao seu lado, provocou grande ventania levantando as palhas que o cobria, revelando assim suas feridas. Contagiado pela alegria de sua parceira de “*xirê*” suas feridas pularam para fora e se tornaram pipocas que cobriu todo espaço em que festejavam e ao verem ele sem as chagas, os demais perceberam o quanto era belo.

Em agradecimento a sua grande e mágica ajuda *Omulú* dividiu com *Iansã* o domínio sobre seu reino, por isso também é conhecida como *Iansã Balé* senhora que domina os mortos e encaminha os *eguns* no mundo dos espíritos.

De acordo com o *itã* contado nas Lendas Africanas de Verger¹¹, o casamento dela com *Ogum* se deu por meio de uma cilada pois o exímio caçador em um dia de caça, ao avistar e se preparar para matar um búfalo viu este, momentos antes do ataque que tiraria sua vida, parar, baixar a cabeça e se transformar em uma linda mulher, vestida e ornada com esplendor.

Sem saber que tinha sido vista, *Iansã* para guardar sua roupagem de búfalo, enrolou a pele e seus chifres como uma trocha e escondeu sob um formigueiro, seguindo em direção a cidade. Nesse interim, *Ogum* se apossou da vestimenta animal de *Iansã* e levou para sua casa.

Muito assediada e desejada pelos homens que a viam, *Iansã* ao se abordada por *Ogum*, que depois de guardada a vestimenta animal dela foi à cidade para cortejá-la, recusou gentilmente seu pedido de casamento e este garantiu a ela que a esperaria. Voltando a floresta para pegar o que lhe pertencia não o encontrou e sem saber o que fazer retornou à cidade e lá foi ter com *Ogum* que a esperava.

Ao indagar a ele o que tinha feito com a trocha que deixou na floresta, ele anunciou que não sabia de nada, mas ela não acreditou e para obter sua pele e seus chifres de volta aceitou seu pedido de casamento, porém estabeleceu regras de conduta para o acordo que estava sendo firmado e tanto ele quanto os de sua casa deveriam respeitar.

Concordando, *Ogum* a levou para sua casa e esclareceu que ninguém poderia contrariá-la ou ofendê-la, contudo, como ela era bela e isso enciumava as outras mulheres, estas decidiram investigar por que tanto zelo com ela.

¹¹. Disponível em: <https://www.raizesespirituais.com.br/orixas/iansa/>

Certa vez uma delas o embriagou com vinho de palma e sem controlar as palavras revelou o segredo de *lansã* e o acordo feito, ou seja, que os moradores da casa não poderiam usar casca de dendê para fazer fogo, não poderiam rolar um pilão pelo chão da casa e jamais deveriam ofendê-la chamando-a de animal.

Estando ele quase sempre ausente pois costumava ir caçar nas florestas e plantar nos campos, as mulheres, com o segredo obtido começaram a insultá-la constantemente.

Um dia em meio a ofensas uma revelou onde se encontrava sua pele e seus chifres, isto é, que ele havia escondido no celeiro de milho e ao se apossar e se revestir com ela, assumiu sua força e massacrou as demais mulheres, deixando apenas seus filhos.

Em compensação a eles por ter tirado suas mães arrancou seus próprios chifres e entregou-lhes comunicando que estava voltando para floresta. Como lá não era lugar para eles, toda vez que precisassem de seu auxílio, de proteção ou de carinho era só eles esfregarem os chifres um no outro que ela viria ao seu chamado, e isso, em qualquer lugar que estivessem, fossem eles, os filhos das mulheres que exterminara ou seus próprios filhos.

Outro orixá feminino cultuado por umbandistas é Oxum, a senhora das águas doces, do ouro, das riquezas, elegância e beleza, responsável pela gestação e fertilidade. Esposa de *Ogum*, *Xangô* e *Oxóssi*, teve como último seu filho, o príncipe das matas *Logunedé*.

Diz um de seus *Itãs* que foi filha de *Iemanjá* e *Orunmilá*, o guardião da sabedoria do *Ifã*, ao qual, encantado com a beleza da senhora das águas e esposa de *Oxalá* se envolveu com ela.

O romance, iniciado por intermédio de *exu*, o orixá dos caminhos, que levou a mensagem do guardião para que ela o visitasse deixou como prova desse elo uma criança. *Orunmilá*, desconfiado de que a gestação de *Iemanjá* poderia ser dele, enviou *Exu* ao reino dela para averiguar se a lactante tinha alguma marca que indicasse a paternidade e, encontrando no corpo dela as marcas, *exu* comunica a *Orunmilá* que reivindica a sua criação. A partir do momento que o genitor tem a tutela passa a fazer todos os gostos da menina, que cresce bastante vaidosa.

Essa altivez possibilitou que sua irmã *Oyá* se tornasse um orixá, uma vez que certo dia, ao adentrar o quarto de *Oxum* encontrou muitos espelhos e descobriu-se

mais bela que a irmã, e essa por ciúme, foi ter com *Egungun*, e lhe roubou o espelho que só mostra a morte, o colocando no quarto da sua irmã.

Oyá, ao entrar e ver em seu reflexo o espectro que mostra tudo o que é feio se desesperou e não podendo sair do quarto, pois sua irmã *Oxum* a havia trancado, se desesperou e enlouqueceu.

Obatalá que a tudo assiste, repreendeu *Apará*, como também é conhecida *Oxum* e a condenou a se vestir com as mesmas cores de *Oyá* e usar o mesmo metal que a irmã utiliza, transformando *Oyá* em um orixá.

Por fim como *Òrìsà* feminina mais cultuada nas religiões de matriz afro temos a Mãe de Todas as Coroas, a deusa da Lua e a *Iyá Orí*, dos cultos de Nações, a mãe de todos os homens e quase todos os *Òrìsàs*.

Consorte de *Obatalá* ou *Oxalá*, senhor do tempo e da fé também é conhecida como *Iemanjá*, *Janaína*, *Inaé*, *Mucunã*, *Dandalunga*, *Marabô*, *Iara*. Cercada de muitas lendas, conta Pai Rodney de *Oxóssi* (2018) que ela em sua origem *iorubá* não é uma divindade do mar e sim do rio e como o culto ao Orixá do mar *Olokum* desapareceu no Brasil, sendo apenas cultuado em Cuba, *Iemanjá* assumiu seu lugar¹⁴.

Na narração de seu *Itã* contado por Arthur Ramos¹⁵, diz que as peripécias dos deuses africanos começaram com o casamento de *Obatalá*, o Céu, com *Odudua*, a Terra e que dessa união nasceram *Aganju* a terra firme e *Iemanjá*, a água. Ambos ao se unirem, fez nascer *Orungã*, que se apaixonou pela mãe, *Iemanjá*.

Certo dia, na ausência do pai, *Orungã* tenta violentar a mãe e ela corre. Quando ele se aproxima dela, na fuga *Iemanjá* cai e morre e nesse momento seu corpo começa a se dilatar. Dos seios brotaram duas correntes de água que se reúnem mais adiante até formar um grande lago; do ventre que se rompe, nascem os *Òrixà*.

Convocada pelo Criador, *Iemanjá* foi até o rio *Ogun* e de lá partiu para o centro de *ayê* para receber seu emblema de autoridade, o leque prateado em forma de peixe com o cabo a partir da cauda chamado *abebé*. Essa insígnia lhe conferiu amplo poder de atuar sobre os rios, mares, oceanos e leitos onde as massas de águas se assentam.

Seus pais, *Obatalá* e *Odudua*, orgulhosos, ofereceram para a nova Majestade das Águas a Lua, corpo celeste de existência solitária que buscava companhia. Agradecida, *Iemanjá* nunca mais retirou de seu dedo mínimo o mágico e resplandecente adorno de quatro faces. A Lua, por sua vez, adorou a companhia real, mas

continuou seu caminho, ora crescente, ora minguante, mas sempre cheia de amor para ofertar.

Na busca de mostrar as singularidades e representatividade dos orixás cultuados na *Umbanda*, os *itãs* selecionados em meio a tantos outros, busca deixar claro que as deidades, assim como os homens, se mostram como “seres” capazes de amar, sentir, trair, chorar, sofrer, sorrir, competir, enfim, ter emoções e pela simbologia, se pode entender a ajuda que oferecem por meio do domínio do *orí*, induzindo os homens para que a busca evolutiva aconteça, não apenas em perspectiva espiritual, mas também social.

3.1.2 Simbologia e caracterização – Ofertas e axé

Esta parte do trabalho se volta as associações que os irmãos de fé fazem para estarem aptos as bênçãos de seus orixás, suas energias e o que utilizam como ofertas para os cultuar.

Essas ofertas, por vezes com o corte animal, um fator que estimula as deturpações e discriminações, vem sendo gradativamente substituída nas Casas que ainda o fazem, seja pelas novas percepções pessoais que a sociedade começa a adquirir como pelo princípio fundamental da *Umbanda* que se volta a preservação da vida e de todos os seres que têm o sangue como elemento animador dela.

Adentro o assunto, o primeiro a ser mostrado é *Oxalá*, simbolizado misticamente por uma pomba branca como mostra a figura 4 (quatro) e o *osorò*, seu cajado. Tem por cor o branco (*Umbanda*), embora muitos de seus filhos utilizam em suas vestes ritualísticas as tonalidades do azul claro, marfim, perola e chumbo (*Candomblé*).

Assim para se ter o *axé* de *Alamore*, o “proprietário da boa argila” ou simplesmente *Oxalá* que tem sua potestade associada ao céu, ar, rios e montanhas os adeptos costumam utilizar para sua limpeza (banhos), cura (chás e emplastos) e *exê* (amuletos) ervas como: tapete de oxalá ou boldo; folha da fortuna ou saião, folha da costa; malva branca, cana do brejo e flores brancas, também utilizadas em seu *amálá*, ou seja, na comida do santo, juntamente com grãos como a canjica branca, tubérculos como açaçá, inhame, arroz, milho branco e frutas, como uvas brancas, ma-

ça e pera, além de *obi* branco, mel, peixes e doces oferecidos nas sextas-feiras e/ou domingo.



FIGURA 4 –Oxalá. Fonte: Mais Estilo. Disponível em: <http://maisestilo.net/2020/12/2021-sera-regido-pelos-orixas-oxala-e-oxum/>

De acordo com a fonte¹², aqueles que o tem como principal Santo do *orí* costumam ser pessoas que repudiam disputas, brigas e violências sendo comumente ordeiras e induz seus filhos a serem limpos e pueris, assim como equilibrados, tolerantes, serenos, respeitáveis, confiáveis e com muita força de vontade.

Xangô, tem nas montanhas e pedreiras seu espaço natural de poder e carrega consigo o *Oxê*, machado de lâmina dupla e a pedra-de-raio, o *Edun Ará*, como se observa na figura 5 (cinco), ambos, símbolo de sua força, utilizado tanto para proteger contra as injustiças como para corrigir o mal realizado.

Para aqueles que tem familiaridade e cultuam esse orixá, o mesmo atribui aos seus filhos, como características pessoais a vaidade, orgulho, egocentrismo e o mandonismo, mas, em contrapartida também o senso de justiça, liderança e serenidade.

¹². Disponível em: <https://www.girasdeumbanda.com.br/materia/218/oxala-nkisi-lemba.html>



FIGURA 5 –*Xangô*. Fonte: Juntos no Candomblé. Disponível em: <http://www.juntosnocandomble.com.br/2013/06/a-roda-de-xango-completa-com-audio-e-escrita-Os-Orixas.html>

As principais oferendas que os seus adeptos costumam fazer, além de velas vermelhas, brancas e marrons, que são umas de suas cores, como o roxo, rosa e azul, são os charutos, os cravos brancos e vermelhos, cerveja preta, *caruru*, milho e frutado-conde, além de ervas como folhas de fumo, jatobá, abre-caminho, manjeriço, agrião, palmas e taboa.

Regendo o elemento natural do fogo, o seu dia na semana são as quartas-feiras e seu animal simbólico é a tartaruga e o leão. Também é denominado de *Xangô-Agodô* ou *Bêri*, *Xangô-Abomi*, *Xangô-Aganju*, *Xangô-Agogô*, *Xangô-Alafin*, *Xangô-Caô*.

Outro bastante cultuado por umbandistas é *Oxóssi*¹³, o Orixá das matas e dos animais, exímio caçador e hábil estrategista, dominando, portanto, a flora e a fauna. Sua cor referencial é o verde e possui por símbolo o arco e a flecha, denominado *ofá*, como mostra a figura 6 (seis), assim como um rabo de boi chamado *Eruexim*.

¹³. Disponível em: <https://www.girasdeumbanda.com.br/materia/218/oxala-nkisi-lemba.html>



FIGURA 6 – Oxóssi. disponível <https://www.terra.com.br/vida-e-estilo/horoscopo/dia-de-oxossi-o-orixa-da-caca-e-dafartura,fa2d863a9fe8b11d310e7564011bc880oq60pedv.html>

O orixá da busca do conhecimento e da abundância na colheita, o doutrinador e cientista, tem seu ponto de força e local de oferendas nas matas e bosques tem como local ponto de força e local de oferendas são as matas e bosques. Reverenciado nas quintas-feiras, tem como elemento a terra e se volta a trabalhos de curas e pajelança, sendo por isso associado ao orixá Ossaê, divindade das folhas medicinais e das ervas ritualísticas e é tido como pai da linha dos Caboclos, entidades com grande grau espiritual na evolução.

Usa-se como alimentos preferenciais para as ofertas frutas diversas, inhame e mandioca, além de ervas, como alecrim, manjericão, samambaia, folha de guiné, flores do campo, hortelã, poejo, folhas de bambu, girassol, arruda, gerânio, cravo, coentro e outras. As velas que são oferecidas a ele costumam ser as brancas, verdes e rosas como charutos, cerveja branca, vinho doce, licor de caju e suco de frutas e os animais silvestres que se associam a presença dele são diversos, mas exemplificando tem-se os cervos, coelhos, búfalo e elefante.

Pertencendo ao Trono do Conhecimento¹⁴, Oxóssi rege o polo positivo enquanto Obá o negativo, um estimulando e irradiando e o outro anulando e absorvendo, cedendo a seus filhos cujo é senhor de seu *ori*, a agilidade, sagacidade, inteligência, responsabilidade, curiosidade, espontaneidade, amabilidade, concentração, alegria,

¹⁴. Disponível em: <https://www.paijaco.com.br/oxossi/>

amor a natureza, determinação, paciência e fidelidade assim como vaidade, desconfiança, instabilidade, solidão, informa Alexandre Falasco¹⁵.

Ogum é o orixá associado ao soldado e executor das determinações divinas. Também conhecido como *Ogum Alacorô* devido sua coroa não ter franja, tem por dia da semana as terças-feiras e como instrumentos simbólicos a espada como mostra a figura 7 (sete) e a lança. Sua cor é o vermelho e azul-marinho e os locais de suas ofertas são as estradas comuns e as de ferro.

As principais oferendas a ele são a rosas vermelhas, charuto, cerveja branca, feijoada (feijão fradinho, preto), cará, inhame, carnes vermelhas, abobora, batata e suas plantas são a espada de São Jorge, arruda, abre-caminho, folhas de seringueira, agrião. Associado ao elemento fogo, tem como animal representativo o cachorro e o domínio dos caminhos, das estradas e tudo que envolva o ferro. Sendo o orixá que abre os caminhos ou fecha pela execução da lei, oferece aos seus filhos de cabeça características como a perseverança, liderança, afinco, tenacidade, intolerância, impulsividade.



FIGURA 7 –Ogum. Fonte: Simplesmente Umbanda. Disponível em: <http://simplesmenteumbanda.blogspot.com/2015/03/33-ogum.html>

¹⁵. Disponível em: <https://www.girasdeumbanda.com.br/materia/211/oxossi-nkisi-tauamin.html>

No panteão feminino os orixás cultuados, assim como os masculinos na maior parte de casas de Umbanda é Iansã ou Oyá a rainha dos ventos, raios e tempestades. Guerreira bela e temida, mulher que não abre mão de sua vaidade e de seu poder de sedução¹⁶, representa o deslocamento e a necessidade de movimento, mudanças.

Tem nas quartas-feiras o dia dos resguardos de seus filhos de *orí* que costumam ofertar à Ela crisântemos, palmas e rosas e qualquer outra flor amarela, uma de suas cores (amarelo-ouro), sendo a outra o vermelho coral, marrom, bordô e rosa, sua cor por excelência devido ao entardecer, um referencial ao seu nome que pode ser entendido como “mãe do céu rosado” ou “mãe do entardecer”¹⁷.

Seus animais representativos é a borboleta, cabra, coruja e o búfalo ou boi, cujo chifre simboliza sua força. Outro símbolo peculiar de seu poder é um alfanje a espada, como mostra a figura 8 (oito), que simboliza, segundo Rubens Saraceni em seu livro “Umbanda Sagrada”¹⁸ a execução do *Karma* e, o *Eruexim*, instrumento feito com os pelos do rabo do boi ou búfalo, utilizado para retratar o vento e a limpeza dos pensamentos que ele possibilita, como para conduzir e subjugar os espíritos que não possuem evolução.



Figura 8 –Iansã. Fonte: Simplesmente Umbanda
em: <http://simplesmenteumbanda.blogspot.com/2015/03/36-iansa.html>

¹⁶. Disponível em: : <https://www.girasdeumbanda.com.br/materia/213/iansa-nkisi-matamba.html>

¹⁷. Disponível em: <https://www.raizesespirituais.com.br/orixas/iansa/>

¹⁸. Disponível em: <http://simplesmenteumbanda.blogspot.com/2015/03/36-iansa.html>

Possuindo como elemento natural o fogo e o ar, dominam os ventos, furações, tufões, raios e chuvas torrenciais, assim como a morte. Como ervas principais é-lhes atribuídas a espada de lansã, folhas de bambu, carqueja, aguapé (gigoga vermelha), fedegoso, pata de vaca, rosas brancas ou amarela, alface, pinhão roxo, para-raios, dormideira, romã e outras que são utilizadas no combate as feitiçarias, um de seus poderes e que a torna tão temida pelos que praticam tal arte e suas oferendas são recebidas em cachoeiras, campos abertos, praias, pedreiras e bambuzais.

Tendo poder sobre os mortos, encaminham os *eguns*, os espíritos desencarnados aos seus caminhos de evolução ou para ele, função que recebeu de *Obaluaê*, o *Òrìsà* que preside o desencarne. Aos encarnados auxilia no despertar da consciência e na busca do equilíbrio de suas ações.

Outro orixá feminino cultuado por umbandistas e candomblecistas é *Oxum*, a senhora das águas doces, do ouro, das riquezas, da elegância e da beleza. Senhora das águas doces tem ela como elemento natural e de domínio, as cachoeiras, rios e nascentes o seu altar natural como ilustra a figura 9 (nove).



FIGURA 9 –Oxum. Fonte: Luz de Umbanda disponível em: <https://umbandayorima.blogspot.com/2015/06/conhecendo-os-falangeiros-de-oxum.html>

O dia atribuído à Ela são os sábados e suas ervas representativas são o *oriri*, catinga de mulata, malmequer, jasmim e outras e suas oferendas principais se formalizam em velas, flores brancas e amarelas, perfumes, adereços, espelhos, assim como champanhe, ovos, canjica, banana, *omolocum* e *xinxim*.

Suas cores são o azul escuro e o amarelo ouro e seus símbolos representativos são arara, o espelho e o leque com uma estrela (*abebé*). Seus filhos de cabeça costumam ter como características pessoais a elegância, o charme, a beleza, sensualidade, emotividade, candura, descrição, sensibilidade, determinação, ambição, narcisismo, vaidade, inconstância, agressividade e desconfiança.

Em relação aos orixás feminino mais cultuados nas religiões de matriz afro temos, pôr fim a Mãe de Todas as Coroas que possui como título de representação material a grinalda de rainha, princesa e/ou sereia do mar como mostra a figura 10 (dez), a deusa da Lua e a *Iyá Orí*, dos cultos de Nações, como informa Alexandre Falasco.

A mãe de todos os homens e quase todos os *Òrisàs* e consorte de *Obatalá* ou *Oxalá*, senhor do tempo e da fé também é conhecida como *Iemanjá*, *Janaína*, *Inaé*, *Mucunã*, *Dandalunga*, *Marabô*, *Iara*, e reverenciada por todos aqueles que nela creem e por muitos pescadores que tem no mar seu meio de sustento e cuja proteção é pedida a ela permanente, uma vez que estão em seu espaço natural.



FIGURA 10 –*Iemanjá*. Fonte: tumblr. Disponível em: <https://rosinha-de-iemanja.tumblr.com/post/155909683022/iemanj%C3%A1-%C3%B4-olha-seus-filhos-na-beira-mar-iemanj%C3%A1-%C3%B4>

Senhora da geração e de grande poder, tem sob seu domínio a *kalunga* maior, ou seja, o mar e seus mistérios assim como os ciclos da natureza uma vez que estão ligados a água, fundamental à existência de muitos seres.

Divindade do perdão, compaixão e do amor incondicional, suas cores são o azul claro e branco e tem como instrumento simbólico um leque (*abebé*) com uma sereia no meio. Sendo o orixá mais popular do país é bastante reverenciada em vários estados, variando o dia de sua celebração. Os adeptos da religiosidade da *Umbanda*, *Candomblé* e outras costumam homenageá-la com rosas e palmas brancas, perfume de colônia (alfazema), champanhe, espelhos, bijuterias e pratos específicos feitos com arroz, *debô*, milho, peixes do mar, camarão, manjares, uvas, graviola, coco, mangaba, melão e outras frutas e os adeptos que tem ela em seu *orí*, guardam os dias de sábado e recebem por meio de sua influência características como generosidade, serenidade, caridade, amorosidade, emotividade, zelo, calma, determinação, vaidade, instabilidade, ambição.

4. O MISTÉRIO E O CAMINHO – A BUSCA DA FÉ

4.1.1 O xirê e o Mistério – As duas cabeças

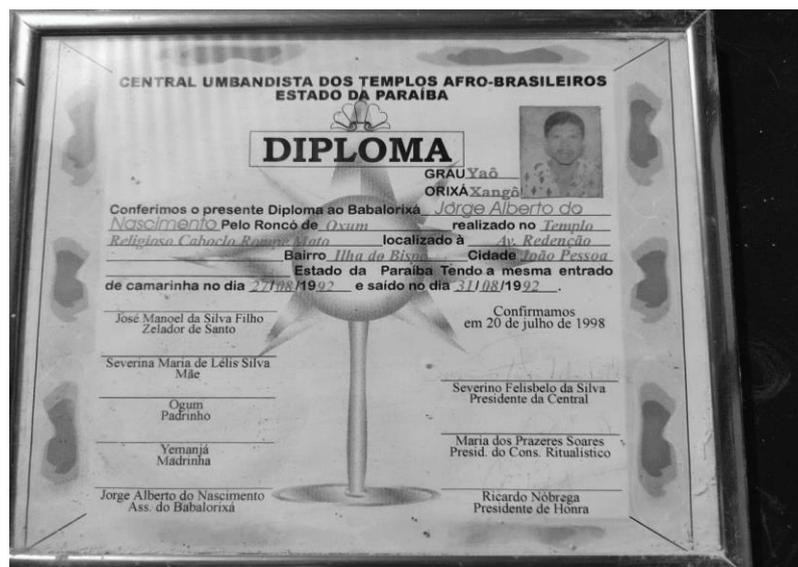
Após os congressos da Federação Umbandista ocorridas em 1941, 1967 e 1973 os centros “se dissiparam por todo Brasil, a começar pelo Rio de Janeiro” (FERREIRA, 2011, p.31) e a disseminação da *Umbanda* e suas linhas possibilitou que ritos ‘mágicos/místicos’ locais se associassem a ela, assim como permitiu que adeptos, simpatizantes e integrantes de outros ritos, como a pajelança, *catimbó*, tambor de mina, batuque, xangô e outros, na medida que se é comum generalizar tudo, pudessem desenvolver suas práticas sem tanto receio de coibições.

Evidencia os estudos de Sócrates Pereira Ferreira (2011) que a *Umbanda*, oficialmente teve seus ritos permitidos, política e religiosamente na Paraíba, a partir de 1966 com a promulgação da Lei 3.444/66 pelo então governador João Agripino.

Conforme a lei, as casas seriam autorizadas pela Secretaria de Segurança Pública e fiscalizadas pela até então FECAE-PB, que em sua constituição possuía e, todavia, possui cargos que vão desde a presidente até os fiscais. Estes fiscais seriam os responsáveis por fazer valer as normas internas para que a casa pudesse continuar em funcionamento, [...]. A estes também cabiam constatar irregularidades ou não nas casas, bem como houvesse alguma casa funcionando que não tivesse a licença da Federação, era imediatamente comunicada que precisava se associar para que pudesse continuar, caso contrário não mais poderia, a partir dali os proprietários não mais receberem seus diplomas, sua licença de funcionamento, que garantiria também a seus filhos um certificado quando fizesse suas obrigações na religião. (FERREIRA. 2011, p.40)

Como observado nesta informação, o controle interno de adeptos diante do poder governamental, assim como em outras localidades do território, mostra que a vigilância com o culto, integrantes e mesmo com a própria religiosidade professada era (é) acirrada e a junção de cultos regionais, como o de Maria Pinta, a pajelança e/ou *catimbó*, por exemplo, com a *Umbanda* instituída como religião, possibilitou não apenas a intencionalidade de unir credos como o reconhecimento da profissão de fé e abertura de Terreiros para o funcionamento do *xirê*, como mostram as figuras 11 (onze) e 12 (doze).

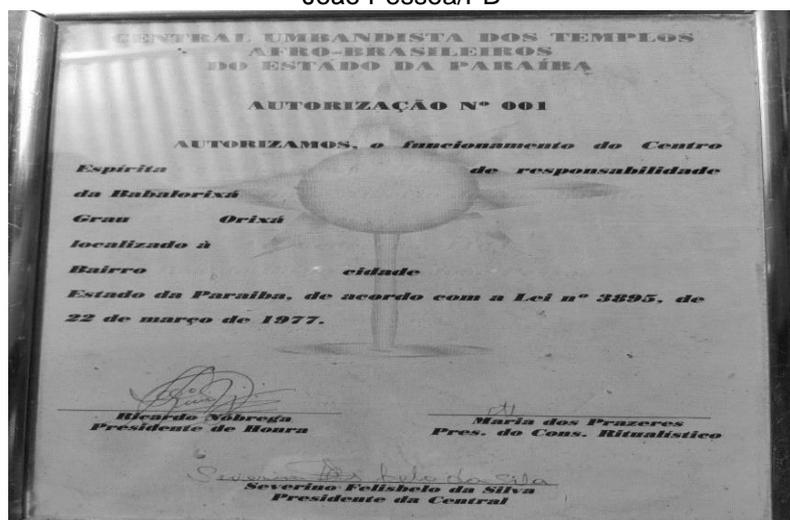
FIGURA 11 – Registro de reconhecimento como membro pertencente a religiosidade, intitulado como *Baba orixá*



Fonte: Acervo Pessoal

Evidencia isso uma estrutura que demonstra o quão a religiosidade ainda enfrenta tabus, preconceitos e discriminações. Mesmo sendo reconhecida e instituída como religião, como já mostrado no desenvolvimento do trabalho, tais controles, podemos assim dizer se apresenta como um monitoramento que não se faz percebido formalmente em outras religiões com base judaico-cristão, a não ser por meio de estimativas governamentais.

FIGURA 12 – Registro da permissão de funcionamento do Roncô de Oxum no Templo do Caboclo Rompe Mato – João Pessoa/PB



Fonte: Acervo Pessoal

Esse apontamento nos direciona a adentrar na problemática da questão, ou seja, a discriminação, os preconceitos e as limitações que muitas mulheres, assim como a religiosidade pesquisada ainda sofrem na atualidade e para isso, o trabalho se volta a falar sobre a ritualística que a entidade, Maria Padilha, figurativa e simbólica, se manifesta e o que vem ela ser, formando um elo de comparações e busca de compreensões que o estudo enseja.

Em uma ritualística mágica, a Jurema ou Catimbó-Jurema, rito que a entidade Maria Padilha faz parte, mostram em suas sessões uma liturgia bem parecida com as praticadas na *Umbanda* e embora muitos a coloquem como sendo uma linha dessa religião, ao que pesquisas indicam (SALLES, 2004), ela se formaliza como um culto a Jurema, dentro da *Umbanda*, possibilitando com isso a continuidade de um legado místico e simbólico da ancestralidade juremeira.

Na tentativa de uma apresentação preliminar do que chamamos de culto da Jurema, podemos defini-lo como um complexo semiótico, fundamentado no culto aos mestres, caboclos e reis, cuja origem remonta aos povos indígenas nordestinos. As imagens e símbolos presentes neste complexo remetem a um lugar sagrado, descrito pelos juremeiros como um 'Reino Encantado', os 'Encantos' ou as 'cidades da Jurema'. (SALLES. 2004, p.101)

Mesmo se sabendo pouco a respeito da religiosidade local em período colonial, seja de nativos como de negros, existem evidências documentais que este ritual já era praticado no período (ASSUNÇÃO, 2006 *apud* FERREIRA, 2011), ou seja, as manifestações religiosas no sertão nordestino já ocorriam desde o século XVI, praticados pelos antigos nativos, oficializado em "rituais nos quais bebiam, fumavam e manipulavam ervas invocando seus ancestrais" (FERREIRA. 2011, p.43).

Podemos mencionar, ainda, a existência de documentos que registram a ligação desses povos com a Jurema no período colonial. Um dos mais antigos, já bastante citado na literatura sobre o tema, foi descoberto por Câmara Cascudo, nos Arquivos da Sé em Natal. Nele é mencionado o falecimento na prisão, em 1758, de um índio da aldeia Mepibu, no Rio Grande do Norte, preso por ter feito "adjunto de jurema" (SALLES. 2004, p.102).

Fator histórico e sociológico proveniente do hibridismo e não de aculturação, se percebe, como argumenta Roger Batisde (MAIA, 2018) ao qual deve ser considera-

do é que no Brasil quinhentista, já tinha surgido manifestações religiosas que juntava a mitologia indígena com o credo missionário dos jesuítas, conhecido como “Santidade” (VAINFAS, 1999 apud SALLES, 2004) e no decorrer do tempo, a “manifestação religiosa, cujas origens estariam relacionadas inicialmente a antigos grupos indígenas que um dia habitaram o Nordeste brasileiro” (SOUZA, 2016, p.9) permanecem atuantes para socorrerem as necessidades do povo, de modo espiritual e material.

De forma generalizante, contextualizando o que é a Jurema na atualidade, o ritual umbandista – pela junção, aceitação e concordância de muitos adeptos – ao qual a entidade trabalhada atua, a mesma continua a se formalizar, como em tempos idos em

[...] duas vertentes, uma delas dos fiéis-frequentadores ligados a alguma “casa de santo”, “terreiro” ou “templo”, a estes lhe atribuem o papel de médium, que servem de “aparelhos” para que os espíritos possam incorporar e realizarem seus desígnios, outra forma de percepção é dos fiéis, pessoas que recorrem regularmente as casas de culto para resolução de alguns problemas, das mais distintas formas e soluções, que vão desde um aconselhamento até resoluções amorosas e de saúde. Aos frequentadores lhes cabem apenas estar na presença de um “mestre”, um “caboclo”, um “preto-velho”, etc., para que possa ser explicada sua queixa. Já aos fiéis-frequentadores prestam a cerimonia a fim de seguirem e apresentarem seu corpo em prol das entidades que porventura apresentam-se nas sessões. (FERREIRA, 2011, p.46-47)

Nos focando na vertente dos fiéis-adeptos, os que “apresentam seu corpo em prol das entidades que porventura apresentam-se nas sessões” a explanação se volta a tentativa de desmistificar o estigma que possui os espíritos e/ou entidade denominada como exus, o rabiscando no entendimento daqueles que neles acreditam e os prestigiam.

De acordo com Rubens Saraceni (2020), essa entidade é um Mistério do Divino Criador, não sendo superior, maior ou menor que os outros mistérios que o homem não entende. Para exemplificar esses segredos podemos citar a demonização do próprio exu que se busca trabalhar, ou seja, a entidade espiritual que incorpora em seu médium na procura de ajudar as pessoas que necessitam e assim como a essa entidade, as outras, tais como Caboclos, Pretos Velhos, Boiadeiros, Ciganos e tantas outras linhas ou falanges que intentam esse fim, ou seja, auxiliar e para isso se utilizam da incorporação como mostra a figura 13 (treze).

A percepção de demoníaco, que recai principalmente nas falanges dos exus, sejam eles masculinos ou femininos, pode ser explicado em decorrência da análise em um contexto social, antropológico, histórico e psicológico, estruturada no alicerça do *habitus*, mediante a fomentação que cimentou o entendimento do próprio povo que os cultuavam, ou seja, os negros e daqueles que não os conheciam e/ou entendiam.

Como mostrado no trabalho, os negros, capturados e sequestrados de suas terras passaram a sofrer pressões econômicas, sociais, psicológicas e morais. Mesmo obrigados e subordinados ainda mantinham suas convicções, como mostram relatos históricos de fugas, violências contra seus 'senhores', formação de quilombos e fomentação de revoltas por muitos conhecidos.

FIGURA 13 – Incorporação em Gira de Povo de Rua
no Roncô de Oxum do Templo do Caboclo Rompe Mato
– João Pessoa/PB



Fonte: Acervo Pessoal

Sendo percebidos social e religiosamente como não merecedores das graças que os europeus (brancos) possuíam por herança com base nos preceitos judaico-cristão, muitas vezes, como ainda hoje acontece, os poderes místicos dos exus foram utilizando magisticamente para algum tipo de vingança ou proteção pessoal, pois, independente da religião e do acreditar, todos os homens, com mediunidade

aflorada ou não, possuem essas energias como meio para a produção de seu desenvolvimento pessoal e espiritual. Ou seja,

Todas as pessoas têm a sua esquerda um Exu Natural que atua no sentido de vitalizá-las, se estiverem evoluindo de forma reta ou virtuosa, ou desvitalizá-las, caso deem um rumo torto ou viciado as suas evoluções. Essa atuação independe das pessoas, porque é uma imposição da Lei Maior que ordena a evolução da humanidade como um todo. Então quando uma pessoa se desvirtua ou pende para a esquerda, logo começa a ser atuada pelo Mistério Exu Natural, que, dependendo do caso, pode atuar a partir de espíritos “exunizados” ou ainda em processo de “exunização”. (SARACENI. 2020, p. 54)

Formalizando o entendimento, a solidificação da imagem que se popularizou e que ‘contaminou’ a própria essência da energia e da deidade levantando os receios que muitos possuem por fatos vividos e/ou presenciados, a mística da própria religiosidade que os negros possuíam, diferentemente da que entendemos, os faziam cientes das irradiações positivas e negativas existentes e que compõe tudo e todos.

Conscientes que algumas das entidades “desenvolveram o magnetismo negativo no sentido da Fé, outros no do Conhecimento, outros no da Razão, outros no da Conceção, outros no da Geração, outros no da Ordem, e outros no da Evolução” (SARACENI. 2020, p.119), nada mais fizeram que utilizar a força de seus próprios opressores contra eles para que o desconhecido permanecesse na penumbra e com isso fossem associadas as sombras infernais dos ensinamentos judaico-cristão.

Partindo para uma contemplação dos espíritos em processo de “exunização” e “exunizados”, categoria ao qual a entidade faz parte devido a busca do equilíbrio de sua polaridade, a mesma, por escolha própria, optou na busca de sua evolução, progredindo nela devido aos combates que faz para neutralizar as investidas negativas de outros *Èsùs* que estão no caminho que todos percorrem por meio da ajuda ao próximo.

Informa Rubens Saraceni que

Exu enquanto linha de esquerda da Umbanda, incorpora em seus médiuns da consulta gratuita a quem se dispuser a falar com ele, aconselhando, orientado, defendendo, ajudando a superar suas dificuldades materiais ou es-

pirituais, familiares ou de trabalho etc., mas sempre a partir de uma visão cósmica das situações, de seu senso de oportunidade das situações, do seu senso de oportunismo e de seu entendimento pessoal de como deve proceder para responder a quem o solicitou. (SARACENI. 2020, p.9)

Muitas vezes confundidos com os orixás exus, as entidades espirituais desse Mistério estão sobre os direcionamentos dos *Òrisàs* principais que possuem seus *Èsùs* de acordo com suas linhagens (SARACENI, 2020) como mostra a figura 14 (quatorze) e mesmo, de alguns espíritos com maior entendimento espiritual na hierarquia de evolução.

Figura 14 – Linhagem e irradiação dos exus

Orixá Positivo e Negativo	Linhagem	Campo	Irradiação
<i>Oxalá/Oiá</i>	exu do Tempo ou dos Cristais	Tempo e fé	Religiosidade
<i>Iemanjá/Omulu</i>	exu da Água	Geração	Criatividade
<i>Oxóssi /Obá</i>	exu dos Vegetas	Conhecimento e raciocínio	Expansão
<i>Xangô/Egunitá</i>	exu do Fogo	Justiça e purificação	Equilíbrio
<i>Ogum/lansã</i>	exu do Ar	Lei e direção	Ordenação
<i>Oxum/Oxumaré</i>	exu dos Minerais	Concepção	Amor e gestação
<i>Obaluaê/Naná Buruquê</i>	exu da Terra	Evolução	Transmutação

Fonte: Elaborado pelo autor

Nesta estrutura, os espíritos desencarnados que buscam sua evolução espiritual, estão sobre a ordem de um exu que em meio aos aprendizados pessoais conseguiu adquirir maior conhecimento e por merecimento ajudam a Lei Maior por meio do poder de comando de outros espíritos que atuam em falanges.

Com o entendimento do bem e do mal em uma perspectiva evolutiva em meio ao mistério que os circundam, devido a posição que optou por estar, ou seja, mensageiros e guardiões, seu trânsito no *orum*, onde se encontra os orixás principais é menos comum, dominando-o, as esferas do umbral, ou seja, o espaço em que se encontra os desencarnados que não conseguiram obter algum grau de evolução espiritual em vida.

Sobre isso diz a fonte¹⁹ que este local “é uma região destinada ao esgotamento de resíduos mentais em um período posterior ao descarne, que possibilita ao espírito entender o seu atual estado espiritual”. Assim, existem locais em que uns espíritos estarão bem e progredindo, outros, sofrendo e estacionados e alguns realmente condicionados a negatividade porque assim o querem.

Fugindo da concepção de céu e inferno cristão, os umbandistas entendem que a vida é infinita, ou seja, que as pessoas ao desencarnarem não finda e que a estadia terrestre é apenas um meio para seu desenvolvimento pessoal (Kardec, 2004).

Se observando isso se torna mais fácil entender o que vem a ser as irradiações dos orixás e entidades, ou seja, que “entre os polos positivo e negativo de uma irradiação divina esta toda uma linha de força que possui muitos níveis vibratórios” (SARACENI, 2020, p.119).

Possuindo duas cabeças e/ou entendimento, uma instintiva e movida por necessidades, outra emotiva e levada pelos seus interesses (SARACENI, 2020), são eles que interligam as necessidades dos homens a dimensão do *ayé*, ou, com o *orum*, abrindo ou fechando as porteiras e, enquanto *Ogum* cria novos caminhos, pois é o senhor deles, são os *Èsùs*, feminino e masculino, possuindo a força, que ajuda os homens a percorrer eles, como informa Felipe Mendes²⁰.

Diante de incompreensões e atuando do lado esquerdo da força criadora, os exus, masculino e feminino, independentemente da vontade e aceitação dos homens, da fé que professam, de sua etnia e de sua posição social, com evidência Rubens Saraceni (2020) sempre acompanham as pessoas.

Esse Exu Guardião natural, não depende de nada ou de ninguém, senão do Orixá Ancestral para atuar como vitalizador ou desvitalizador da pessoa cuja esquerda guarda naturalmente. (SARACENI, 2020, p.30)

¹⁹ Disponível em: <https://www.mensagemespirita.com.br/md/ad/por-que-vim-parar-no-umbral>

²⁰. Disponível em: https://www.academia.edu/18918605/Cartilha_de_Exu

Considerando essa sentença como um fato, entendendo-os como entidades que se colocam para auxiliar os homens e tendo estes a possibilidade do contato com eles por meio da incorporação, a questão do produzir o bem ou o mal que lhes são atribuídos levanta questionamentos de quem realmente produz um ato ou outro.

Interagindo com os homens, fazem o que lhe pedem e cobram por isso, nem sempre de forma monetária – embora isso ocorra em alguns Terreiros e vá contra os fundamentos da religião umbandista –, mas progressivamente, pois embora todos possuam seus guardiões, existem ocorrências que eles permitem para que as pessoas aprendam e para isso, a lição e o aprendizado é escrito reto em linhas tortas e não em linhas retas, para frase bem entendida pelos adeptos.

Estabelecidos em seus pontos e tendo que comandar falangeiros, aos quais, muitos não conseguiram ascender e desenvolver entendimentos mais irradiantes, a generalização que os condena, não deixa margem, para os não entendidos, saberem e entenderem quem são e como agem em função das irradiações que possuem e que emitem diante das necessidades que os homens apresentam a eles.

Como muitos que buscam sua ajuda nem sempre fazem parte atuante do credo, sendo ‘simpatizantes’, católicos, ‘sem religião’ e outras designações mais, propagam de forma errônea o intento recebido e com isso, vai gerando cada vez mais opiniões que estigmatizam não apenas eles como a religiosidade em que se manifestam, não sendo ela a única.

Comumente muitos que se voltam a visitas e atendimentos generalizam toda a ritualística e não percebem que existem diferenciações nas incorporações entre orixás e entidades.

Informa a rezadeira e *Ilarorixá* Diu (*apud* Conceição) que as diferenças entre eles são nítidas pois

O orixá não fala, não canta, quem canta pra orixá é Ekede, é Ogan, é o pai de santo, a mãe de santo. Já o caboclo fala, bebe, fuma. Essas coisas tudo o caboclo faz. Comumente, o Caboclo aconselha, sugere, tende a interceder cotidianamente na vida dos indivíduos em qualquer problema de ordem econômica, afetiva e/ou de saúde. (ILARORIXÁ DIU *apud* CONCEIÇÃO 2011, p.91-92)

Outro fator que a muitos chocam são as oferendas a ambos, orixás e entidades, que são trabalhadas tanto em Terreiros como em pontos de forças e que vistas

por aqueles que pouco entendem sobre os rituais logo os associam a ‘mandigas’ para fazer o mal a outrem sem terem consciência que o simbolismo e a representatividade de oferecer a comida aos santos e/o lhe ofertar algo, para os irmãos na fé se trata apenas de “estabelecer vínculos e selar comunicação entres os devotos, antepassados e a natureza” (LODY. 1995, p.62-63 apud CONCEIÇÃO, 2011, p.86)

Evidência Tainá Machado Cardoso (2015), em relação as manifestações de seus adeptos que

Os praticantes da fé afro-brasileira têm uma maneira peculiar de cultuar seus Orixás, eles possuem a tarefa de cuidar do seu Orixá e a ele dedicar sacrifícios, oferendas e cuidados especiais, sendo de grande importância a relação dos devotos com os seus deuses, que eles, emprestam os seus corpos físicos e muitas vezes se abdicam de prazeres em prol das obrigações. (ROCHA, 2012 apud CARDOSO, 2015, p.41)

Complementa ainda Tainá Machado Cardoso que como os laços entre devotos e *Òrisàs*/entidades são bem estreitos, as ações preconceituosas por que passam os atingem de forma profunda.

Em relação ao preconceito, informa Daniela dos Santos Barbosa (*apud* Cardoso, 2015, p.41) que, como os adeptos não praticam seus rituais apenas em seus terreiros, se estendendo a locais externos como praias, cachoeiras, matas, esquinas de ruas (encruzilhadas), cemitérios, parques, enfim, espaços públicos, se expõem a falta de compreensão e insultos devido a não compreensão e variadas interpretações, comumente negativas, do que estão a fazer.

4.1.1.2 *Mojubá a Moça – simbologias e ensinamentos*

Em giras de *Umbanda* é comum se ver as entidades Pomba giras se manifestarem e sem distinção incorporarem em mulheres e homens, e para quem não pertence ao meio, as especulações comumente nocivas, tanto afeminam os machos como rotulam as fêmeas que são utilizadas no trabalho. Ou seja, o homem é homossexual e a mulher uma pessoa que costuma ter uma vida fácil.

Em um caso ou em outro, independente das conjecturas danosas, o quadro apresenta um entendimento da feminilidade que leva ao meio social concepções

arraigadas que mesmo diante a novas leis e possibilidades de mudanças estas não mudam.

Desde a colonização o papel da mulher brasileira foi sempre figurativo pois seguindo uma mentalidade importada ocidental, a mulher, antes produtora passou a ser propriedade (BASEGGIO; SILVA, 2015) e o desenvolvimento de tal entendimento e comportamento se firmou em bases éticas e morais que as diferenciou e distanciou dos homens.

Percebendo que antes isso podia ser entendido como uma cultura, hoje, a negligência de seus direitos e a negação de seu poder não apenas possibilita a continuidade de pensamentos e comportamentos que as desqualificam como fortalece para os momentos que muitas passam em sua convivência pessoal, as atingindo física e psicologicamente em meio a uma sociedade marcada por pensamentos e comportamentos machistas e paternalistas.

Se é bastante comum acompanhar em noticiários acontecimentos que violam direitos religiosos e mesmo pessoais (CARDOSO, 2015) e diante deles o personagem que figura como principal comumente são as mulheres, a violência parte de todos os lados, seja no seio familiar como no social.

Celebradas a primeiro momento como troféus, muitas se regozijam nesse papel e posição social. Com isso esquecem ou não aprendem a valorização que devem dar a si mesmo em meio as 'oportunidades' sociais e jurídicas que 'adquiriram' no decorrer do tempo.

Condicionando-se os poderes, direitos e liberdade conquistados presos em grilhões que ainda são aceitáveis em uma sociedade patriarcal e machista como a brasileira, não atinam, por comodidade que os cabrestos segurados por mãos masculinas, se rompido, toda estrutura opressora desmorona porque a sociedade o instituiu não na igualdade, mas na desigualdade (SARACENI, 2017).

Entendendo os conceitos de submissão e posicionamentos de status social preponderante na sociedade diante da educação tida, modelada a preceitos judaico-cristão, os favorecimentos do entendimento de Maria Padilha, uma exu, que tanto aprendeu nos tropeços de sua vida encarnada como desencarnada, possibilitou se ver compreender e valorizar a essência que me dada por *Olorum*, ou seja, procurar entender e vivenciar o que é ser mulher. Plenitude, complemento, ação e reação das casualidades e das profundidades da vida.

Compreendendo o aprendizado transmitido e que a entidade atua “nas regiões da vida social onde residem dois grandes tabus: o amor e a sexualidade” (DRAVET *et al* 2016, p.9) se percebeu que ela nada mais faz que mostrar as máscaras que a sociedade brasileira esculpiu, seja em uma perspectiva profana, social, com uma ética-moral coibidora, seja em uma sagrada, criadora, formalizada pelo receio da mulher não poder se constituir como uma em sua sexualidade consciente e plena que propicia o mistério de amar, a si e aos outros, de compartilhar e transformar.

Informa Reginaldo Prandi (1996, p.2) que

Por influência kardecista na umbanda, Pomba gira é o espírito de uma mulher (e não o orixá) que em vida teria sido uma prostituta ou cortesã, mulher de baixos princípios morais, capaz de dominar os homens por suas proezas sexuais, amante do luxo, do dinheiro, e de toda sorte de prazeres.

Essa imagem disseminada na cultura brasileira e articulada pelo entendimento do bem e do mal das religiões judaico-cristã e mesmo kardecista que muitos têm como fundamento da *Umbanda* faz com que estas entidades não só continuem na penumbra como tenham pouca credibilidade em seus ensinamentos quando buscam mostrar que toda mulher pode ser portadora de sua própria vontade, liberdade e direitos. Fazerem suas escolhas de forma consciente e serem responsáveis por elas, irradiando a partir disso todo respeito que merecem, seja como ser criador e/ou como transformador das energias emanadas pela própria vida.

A entidade Maria Padilha e outras Marias, como Molambo, Quitéria, Padilha, Do Cais e outras mais

Em aspectos genéricos de seus atributos, representam a totalidade do poder sexual feminino, repleto de erotismo, liberdade, sedução, perplexidade, dominação, coragem, lascívia, perigo, alegria e rebeldia. Tais personagens, exprimem a condição marginalizada da mulher livre na sociedade brasileira, excitando inspiração e libertação sexual para todos aqueles que reprimem seus desejos (BARROS, 2006; FRISVOLD, 2011 *apud* FERNADES; FAVARO, 2017, p.1).

Mas elas não se formalizam apenas como um contexto genérico em seu simbolismo e ação. Vão mais além, pois, o seu trabalho não constitui apenas sua vontade mais um Mistério que as regem, por opção de aprendizagem, e que se fundamenta na evolução que todos devem galgar.

Uns as descreveram como sendo algo positivo e outros, como algo negativo, deixando muitos umbandistas confusos porque não têm como justificar a presença de um espírito feminino que foge aos padrões morais e comportamentais da nossa sociedade, predominantemente cristã, em que a mulher está colocada em um pedestal elevadíssimo e muito dignificante enquanto mãe, esposa e filha obediente, mas que a lança no abismo do opróbrio se ela infligir ao "arquétipo" da submissão e, fazendo uso do seu livre-arbítrio, der um rumo ou uma diretriz pessoal à sua vida. (SARACENI. 2017, p.7)

As poucas ou distorcidas informações que as pessoas possuem da entidade Maria Padilha ou qualquer outra Pomba gira não correspondem ao que representam em seu Mistério.

Se buscando um entendimento dele, as entidades, que pertencem a falanges ordenadas por um exu, as posicionando no contexto da historicidade afro, informa Rubens Saraceni (2017) que sua designação, pombo gira ou pomba gira, o Guardião dos Caminhos e das Encruzilhadas do culto *banto* e que sendo muito temida nas regiões africanas onde é cultuada por tomar conta dos caminhos e das encruzilhadas, em um contexto real e metafórico, tem muitos adoradores.

Existem também apontamentos que identificam essa energia ou essas entidades como as “*Yamins*” deidades de sociedades matriarcas conhecidas como “*gelede*” (SARACENI,2017). Em meio a conjunturas e probabilidades de associações, se sim ou se não reais, fato que importa é o que a mesma busca transmitir e passam aos atendidos e aos possuídos.

Informa Lucas Gonçalves Brito (2016, p.43) em seus estudos sobre a *Umbanda* que a

[...], incorporação é um processo distinto da ideia que o termo evoca. O ser intangível – espírito; guia; mentor – não entra (in) dentro do corpo (corpora) de seu protegido. O médium e a médium têm a faculdade de sentir vibrações sutis que emanam dos seres e, captando tais forças, eles as podem (re) transmitir.

Desta forma, partindo daqueles que são ‘possuídos’ ou ‘incorporados’, a simbiose ocorrida por meio do transe, tanto recebe quanto dá, tanto percebe quanto transmite e assim, possibilita ao médium absorver as energias da entidade e dissipar a que possui, no caso se carregada por algum tipo de negatividade proveniente do externo ou do interno.

Em relação aos atendidos, a ajuda ofertada, se pedido ou orientação, decorre mediante o merecimento, pois agindo no Mistério do orixá exu (Natural, Puro e/ou Guardiã) as pessoas colhem o que plantam, ou seja, no caso de um pedido esse se concedido será por merecimento ou aprendizado pois sendo muitos dos trabalhos espirituais acompanhados pelos exus de Lei que estão com o médium, eles entram no *Karma* da pessoa (guardados inconscientemente) e os consulta, dando a cada um o que precisam para evoluir. Lembrando que a concepção do bem e do mal entre humanos e entidades se confrontam entre necessidades materiais e evolução espiritual.

Quem não conhece o mistério Exu, até pode associá-lo aos entes infernais judaico-cristão. Mas Exu é o oposto deles., que atuam movidos pela Lei ou por vingança, enquanto Exu, mesmo quando ativado pela Lei, requer todo um cerimonial diferenciado porque não se envolve com o carma de quem irá sofrer sua atuação, seja magística ou religiosa. Exu, na magia, só responde quando evocado ritualisticamente, e se for oferendado. E ainda assim, caso seja descoberto, interrompe sua atuação e até pode vira-la contra quem o evocou e oferendou ritualmente. Logo, Exu é um elemento mágico por excelência. E quando é ativado pela Lei Maior (pelos Tronos Regentes), não é o “ser” Exu que é ativado, mas sim o “mistério” Exu, é agente cármico e elemento mágico (SARACENI. 2020, p.18-19)

Em relação as orientações, a Maria que busca salientar as Marias o quão importante estas são, se mostra como ela é, ainda que mal interpretada até mesmo pelos que ajudam. Não finge ser cândida, submissa, melindrosa, mas o oposto desses adjetivos entendidos socialmente como salutares, porém, psicologicamente venenosos.

Caracterizada como ser marginal, tudo o que mostra, antes mesmo de um conselho, um encaminhamento é a valorização do próprio ser, seja na risada, que demanda alegrias, para muitos deboches; na dança, a harmonia do reconhecimento da vida, a gratidão por poder mostrar a expansão; na sexualidade, o reconhecimento do doar, receber, partilhar, sem o receio do reconhecimento; no domínio do querer, a capacidade de demonstração da igualdade, do respeito e do poder que todas Marias

possuem. Não temendo ser o que é, vai encontrando gradualmente seu complemento sem divisão na essência que carrega, positiva e negativa, dependente e autossuficiente.

Como salientado no começo do trabalho, a intencionalidade do estudo busca, por meio da entidade Maria Padilha, não levantar um discurso de gêneros e de direitos, mas, o reconhecimento da feminilidade que esse exu, busca mostrar.

Expondo-se em uma religiosidade em que os preconceitos são permanentes, dentro e fora do campo de adeptos devido a incompreensão que o homem possui do doar, sabendo apenas subtrair, o privilégio do contato travado com Maria Padilha em meio a tantas Marias, como mostra a figura 15 (quinze), propiciou tanto suporte para a compreensão do pessoal como para buscar o entendimento de acontecimentos que, ainda não diretos, condicionaram o caminhar até ali.

FIGURA 15 – Gira do Povo de Rua – Exu e Pomba gira
Templo do Caboclo Rompe Mato
– João Pessoa/PB



Fonte: Acervo Pessoal

Enquanto as mulheres e mesmo os homens não conseguem exteriorizar o que sentem, pensam, são, encontram barreiras para se possuírem em totalidade. Fingem, não vivem, fogem do que acreditam conhecer e receiam o que não conhece. “A dimensão interna de cada um de nós tem “por fora” o nosso tamanho. Mas, por

dentro, também somos um mistério infinito porque, se nos sublimarmos, somos capazes de abrigar em nosso íntimo o nosso Divino Criador". (SARACENI. 2017, p.60)

No momento em que muitas Marias compreenderem que podem ter e assumir seu poder, conseguira transformar não apenas a ela, mas o redor que a cerca e a sociabilização hipócrita em que vivem espancadas, menosprezadas e diminuídas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo claro que, ainda que o pesquisador não seja um adepto ou tenha qualquer vínculo cultural e/ou emocional ao seu objeto de estudo, como afirma Aldo Natale Terrin (1996, apud Cavalcante, 2018, p.20) ao expor que “a existência experimentada pelo crente é o meio fundamental pelo qual o pesquisador pode compreender o mundo que estuda”, o que se expôs sobre o tema apresentado paira entre o não estar e estar envolvido com o assunto, ou seja, embora não se tenha tido, até o auxílio prestado, a intenção de trabalho na temática da pesquisa ou mesmo uma aproximação com a religiosidade trabalha, a necessidade que levou a procura fez levantar questões que foram estimuladas a buscar equacioná-las.

Devido a esse impulso primando o pessoal, se começou uma investigação que impôs a colocação em campo de forma mais contínua, possibilitando por meio desta ‘obrigatoriedade’ tanto assumir o posto de cientista como de crente.

Com isso, se tomou a consciência que o homem é naturalmente um ser social e que direta e indiretamente se torna portador histórico de heranças culturais, recebendo e transmitindo e, sendo a cultura, um processo educacional e mesmo um fator ou fenômeno público em um contexto semiótico (GEERTZ, 1989) que entremeia entre uma aprendizagem sistemática e assistemática, obedecendo a um planejamento institucionalizado e a uma conveniência, se implantou a esperanças de novos entendimentos e acolhimento as diferenças.

Fugindo de induções sociorreligiosas e/ou discussões de gênero, as pesquisas se voltaram em buscas de informações e, o encontro delas, possibilitou a compreensão sociológica que o credo professado pela *Umbanda* e suas entidades se dirige a levar a quem necessite de seu auxílio, amparo e conforto em meio aos turbilhões de emoções e problemas que a vida apresenta em um campo de semeaduras e colheitas.

Em uma perspectiva histórica, se observa hoje, que sendo a *Umbanda* implantada em um espaço com uma estruturação político social que estimulava a crença em uma fé única e ao entendimento de superioridade e inferioridade, se interiorizou na sociabilização brasileira desde a colonização uma falta de reconhecimento de nacionalidade e valorização de seu desenvolvimento cultural que se evidencia a exemplo, na própria exclusão de negros e sua religiosidade como, na negação do legado social, político, cultural e genético que disseminaram.

Podendo o trabalho ser entendido como uma narrativa, uma vez que buscou descrever aspectos religiosos da *Umbanda* ele também procurou formalizar uma análise cultural na medida que se voltando a uma entidade específica, Maria Padilha, a problemática social que a acompanha predispõe a se refletir a conjuntura de muitas Marias no plano físico.

Ao buscar desmistificar as qualificações atribuídas as Pomba Giras, temidas por serem compreendidas como entidades perniciosas, de má índole, vingativas, vulgares e, buscando responder a problemática que as envolvem em seu mundo simbólico, as indagações, em reflexo, mostraram a complexidade da vida de tantas outras mulheres em seu mundo real.

Apesar de estudos e pesquisas que intencionam darem maiores informações sobre o tema tratado, é comum ainda o vermos cercado de misticismo, deturpações e preconceitos e assim como a Maria Padilha, muitas mulheres, em decorrência de uma cultura religiosa judaico-cristã iniciada com a colonização e que ainda vigora em estrutura patriarcal mesmo diante as 'mudanças' ocorridas com o tempo, ainda não são compreendidas e nem se compreendem, e sem vez, permanecem inertes na 'sorte' que atribuíram a elas e que aceitam.

Algumas, por apenas ousar serem mulheres emponderadas de todo seu potencial de feminilidade, opção e criação são rotuladas como promiscuas, sem valor e mais algumas designações depreciativas. Outras, buscando agradar a sociedade fogem de si mesmo e de sua feminilidade.

Na contemplação destas elas podem ser vistas socialmente como sendo mulheres trabalhadoras, guerreiras, protetoras, mas não como senhoras de seus corpos, de sua vontade, se submetendo com isso a aceitação de tantas atrocidades ao qual deparamos em noticiários decorrente ao *habitus* cultural e a aceitação social.

Entendendo como Elita Maria Cavalcante (2018, p.16) que "o corpo significa muito mais do que um simples aparelho biológico", que "ele é a base a partir da qual o sujeito se constrói e age no mundo", a entidade e sua personificação corpórea se apresenta em nosso entendimento não apenas como um símbolo ou um ser mal compreendido, mas como uma chave que possibilita, por meio de todo dilema socio-cultural que a envolve, responder a importância da feminilidade em perspectivas pessoais, religiosas e sociais.

Em decorrência a essa observação e a constatação da intolerância religiosa em que muitos adeptos da religiosidade afro vivenciam, nos pareceu relevante ter a

Umbanda como propósito de explanação, seja em perspectiva pessoal e direta pelo encanto que a temática proporciona aos que com ela tenha contato, seja em perspectiva acadêmica e indireta, buscando por meio da literatura e informações obtidas e utilizadas, de alguma forma, contribuir para sanar curiosidades e possibilitar uma sociabilidade mais consciente e harmônica.

Ainda que a promoção do trabalho tenha se iniciado na busca de intentos particulares, se buscou dar ao mesmo o maior entendimento científico possível, isto é, trabalhar de forma impessoal e analítica em torno de um assunto que se apresenta relevante para a sociabilização das pessoas, implicando ela o direito ao respeito e a possibilidade de autonomia e autoconhecimento que os seres humanos precisam para se desenvolverem.

Diante do assunto sobre intolerância religiosa, preconceitos étnicos e discriminações sociais, aos quais, mesmo diante a discursos e informações diversas que intencionam esclarecimentos, se observa que esse intento ainda permanece com poucas alterações e a problemática apresentada sobre a percepção de que a mulher, apesar de todo direito conquistado e constituído ainda permanece sujeita a delimitações culturais possibilita por meio de sua análise, se buscar entender o contexto psicológico, social e cultural da importância do feminino na sociedade.

Por fim, que a intencionalidade do trabalho possa ter relevância, seja pelo seu teor histórico quanto sociológico na medida que traduz todos os processos relacionados e significativos ao homem que, temporal e historicamente, passam por transformações mediante a possibilidade da metamorfose que se estruturou em meu entendimento.

Fica, portanto, desde já os agradecimentos aos conhecimentos adquiridos que se tornou instrumento as mudanças de concepções sociais e históricas da própria riqueza cultural brasileira, estrada que me conduziu a chegar aqui e a todos os *Òrisàs* e forças da direita e da esquerda que estão pelos caminhos de todos nós.

REFERÊNCIAS

- A Angelologia judaico-cristã e a Umbanda. Mario Filho. Texto publicado no *site O Pensamento Voa*, abril/2018. Disponível em: https://pensamentovoa.wordpress.com/page/2/?fbclid=IwAR0WI2WydjTX2o_eD9n9lQ-AiOp6d0k8fcabRsFgEQaTEhHr-6iJEcp8Xw acesso em: 05/02/2021
- A Igreja Católica e a Escravidão Negra no Brasil A Partir Do Século XVI. Tulio Augusto de Paiva Pereira. Artigo científico publicado em **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Ano 03, Ed. 05, Vol. 05, pp. 14-3, 2018. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/historia/igreja-catolica> acesso em 05/12/2020
- A Liberdade Religiosa nas Constituições do Brasil da Proclamação da República a Era Vargas: antecedentes, perspectivas e ensino de religião. Jefferson Zeferino. Texto da palestra realizada no **XII Congresso Nacional de Educação**, PUCPR. Paraná, 2015. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/16948_8779.pdf acesso em 16/01/2021
- A roda de Xangô: o Orixá do fogo. Eboni. Texto publicado no site **Juntos no Candomblé**. Disponível em: <http://www.juntosnocandomble.com.br/2013/06/a-roda-de-xango-completa-com-audio-e-escrita-Os-Orixas.html> acesso em: 04/05/2020
- À sombra da Jurema: a tradição dos mestres juremeiros na Umbanda de Alhandra. Sandro Guimarães Salles. Texto publicado em **Revista ANTHROPOLÓGICAS**, ano 8, volume 15/1: 99-122, 2004. Acesso em 22/03/2021 disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaanthropologicas/article/view/23612>
- A Umbanda: de Roger Bastide à contemporaneidade. Anderson Marinho Maia. 2018. **Revista Horizonte Teológico** v.1, nº1, p.48-66
- A Umbanda Sagrada na Umbanda. Renato Guimarães. Texto publicado no site **Papo Cultural**, março/2021. Disponível em: <https://papocultura.com.br/a-umbanda-sagrada-na-umbanda/> acesso em 05/05/2021
- A Trindade e os 7 Guardiões “Chefes de Legião”. Felipe Mendes. **Biblioteca Nacional**. Academia educacional. Disponível em: https://www.academia.edu/18918605/Cartilha_de_Exu acesso em: 12/12/2020
- As características dos filhos de Oxum. Ebomi. Texto publicado no site **JUNTOS NO CANDOMBLÉ**, s/d. Disponível em: <http://www.juntosnocandomble.com.br/2011/12/oxum-as-caracteristicas-dos-filhos-de.html> acesso em 05/03/2021
- ALVES, Castro. **O Navio Negro e Vozes D'África**. Série Prazer de Ler. Brasília: Câmara dos Deputados, 2013. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=16725 acesso em 04/03/2021

Análise de uma fotografia de família. Maria da Conceição Ferreira Antunes. Texto publicado na **Revista Café com Sociologia**, vol.4, Nº1. Jan/abr. de 2015. Disponível em: <https://revistacafecomsociologia.com>view>pdf> acesso em 07/12/2020

As condições femininas no Brasil colonial. Julia Knapp Baseggio; Lisa Fernanda Meyer da Silva. Texto publicado em **Revista Maiêutica**, Indaial, v. 3, n. 1, p. 19-30, 2015. Disponível em: <https://publicacao.uniasselvi.com.br> acesso em: 04/04/2021

As Histórias de Iemanjá. Pai Rodney de Oxóssi. Entrevista no canal **Youtube**, fevereiro/2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4odQcet2SMQ> acesso em:15/09/2020

As Umbandas dentro da Umbanda. Renato Guimarães. Artigo publicado no site **Registros de Umbanda**, abril/2009. Disponível em: <https://registrosdeumbanda.wordpress.com/2009/07/05/as-umbandas-dentro-da-umbanda/> acesso em:18/10/2020

Banquete e despachado: oferenda para os orixás. Texto publicado na página **SUPER INTERESSANTE**, novembro/2008. Disponível em: <https://super.abril.com.br/historia/banquete-despachado-oferendas-para-os-orixas/> acesso em 03/03/2021

BARROS, Cristiane Amaral. **Iemanjá e Pomba-gira: imagens do feminino na Umbanda**. UFJF, Juiz de Fora, 2006. Dissertação (Pós-graduação em Ciência da Religião). Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/3261/1/cristianedoamaraldebarros.pdf> acesso em: 04/03/2020

BENISTE, José. **Dicionário Yorubá-Portugues**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011

BORGES, Machely Ribeiro. **Gira de escravos: a música dos Exus e Pombagiras no Centro Umbandista Rei de Bizara**. UFBA, Salvador. 2006. Dissertação (Pós-Graduação em Música). Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/9123> acesso em: 05/11/2020

BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004

BOURDIEU, Pierre.. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BRASL. Constituição Federal de 1891. Seção II; Artigo 72, § 3º ao 7º – Declaração de Direitos. **Casa Civil**. Brasília, DF, ano 1926. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao91.htm acesso em 23/06/2021

BRASL. Constituição Federal de 1946. Seção II; Artigo 141, § 7º – Dos Direitos e das Garantias individuais. **Casa Civil**. Brasília, DF, ano 1946. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao46.htm acesso em 23/06/2021

BRASIL. Constituição Federal de 1967. Seção IV; Artigo 150, § 5º – Dos Direitos e das Garantias individuais. **Casa Civil**. Brasília, DF, ano 1967. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao67.htm acesso em 23/06/2021

BRASIL. Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989. **Casa Civil – Subchefia para Assuntos Jurídicos**. Brasília, DF, 1989. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7716.htm acesso em 23/06/2021

BRITO, Lucas Gonçalves. **“O véu do Congá de Pai Joaquim”: Cosmovisão, ritual e experiência. Ou sobre três aspectos do conhecimento umbandista**. UFG. Goiânia, 2016. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/6871/5/Disserta%c3%a7%c3%a3o%20-%20Lucas%20Gon%c3%a7alves%20Brito%20-%202017.pdf> acesso em: 09/09/2020

Caminhos do imaginário no Brasil: Maria Padilha e toda sua quadrilha. Marlyse Meyer. Texto publicano em **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, nº1, março/1991. Disponível em: <https://revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/view/12> aceso em: 08/02/2021

Capital simbólico, representações sociais, grupos e o campo do reconhecimento. “Repensando o Social”: Diálogos com Pierre Bourdieu e Serge Moscovici. Pedro Humberto Faria Campos; Rita De Cássia Pereira Lima. Texto publicado em **Caderno de Pesquisa** vol.48, nº167. São Paulo, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/9Lprjy4vFj9Q4K3VWVLR3B8d/?lang=pt> acesso em: 19/07/2020

CARDOSO, Tainá Machado. **Religiosidade e discriminação a partir da análise dos Terreiros de Umbanda e Candomblé no Município de Rio das Ostras**. 2015. Dissertação (Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Serviço Social). UFF-RJ, Rio das Ostras. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/bitstream/1/5109/1/TCC%20-%20Tain%C3%A1%20Machado%20Cardoso.pdf> acesso em 16/12/2020

CAVALCANTE, Elita Maria Mendonça. **“Á Mulher!” – Uma análise antropológica da performance de Maria Padilha na Umbanda**. 2018. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) UFCE, Fortaleza. Disponível em; <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/38334> acesso em: 22/11/2020

CHAGAS, Wagner dos Santos. **Eu sou porque nós somos: experiências do emoionar nas aprendizagens umbandistas**. 2017. Dissertação (Doutorado em Educação) UNISINOS. São Leopoldo, RGS. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/6263> acesso em: 15/05/2020

CHAIB, Lidia; RODRIGUES, Elizabeth. **Ogum, o Rei de Muitas Faces e Outras Histórias Dos Orixás**. Rio de janeiro: Companhia das Letras, 2000

Como surgiu a kimbanda no Brasil. ep.1/3. Entrevista com Alan Barbieri e Bàbá Mário Filho, no canal **Youtube**, julho/2020. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=PkmlecBN4qM> acesso em 05/02/2021

CONCEIÇÃO, Alaíze dos Santos “**O Santo é quem nos vale, rapaz! Quem quiser acreditar, acredita!**”: **Práticas culturais e religiosas no âmbito das benzeções.**

Governador Mangabeira – Recôncavo Sul da Bahia (1950-1970). UFBA. Salvador.

Dissertação (Pós-Graduação em História) 2011. Disponível em:

<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/19822> acesso em: 18/09/2020

Conhecendo os falangeiros de Oxum. Carlos de Ogum. Artigo publicado no site **Luz da Umbanda**, junho/2015. Disponível em:

<https://umbandayorima.blogspot.com/2015/06/conhecendo-os-falangeiros-de-oxum.html> acesso em: 20/09/2020

De africano a afro-brasileiro: etnia, identidade, religião. Reginaldo Prandi Texto publicado em **Revista USP**, São Paulo, nº 46, pp. 52-65, junho-agosto 2000.

https://reginaldoprandi.fflch.usp.br/sites/reginaldoprandi.fflch.usp.br/files/inline-files/De_africano_a_afro-brasileiro.pdf

Dia de Oxóssi: o orixá da caça e da fartura. João Bidu. Texto publicado no site

TERRA, janeiro/2021. Disponível em: [https://www.terra.com.br/vida-e-estilo/horoscopo/dia-de-oxossi-o-orixa-da-caca-e-da-](https://www.terra.com.br/vida-e-estilo/horoscopo/dia-de-oxossi-o-orixa-da-caca-e-da-fartura,fa2d863a9fe8b11d310e7564011bc880oq60pedv.html)

[fartura,fa2d863a9fe8b11d310e7564011bc880oq60pedv.html](https://www.terra.com.br/vida-e-estilo/horoscopo/dia-de-oxossi-o-orixa-da-caca-e-da-fartura,fa2d863a9fe8b11d310e7564011bc880oq60pedv.html)) acesso em:15/03/2021

2021 será regido pelos Orixás Oxalá e Oxum. Texto publicado no site **Mais Estilo**, dezembro/2020. Disponível em: <http://maisestilo.net/2020/12/2021-sera-regido-pelos-orixas-oxala-e-oxum/> acesso em 15/04/2021

“Em público, é preciso se unir”: conflitos, demandas e estratégias políticas entre religiosos de matriz afro-brasileira na cidade do Rio de Janeiro. Ana Paula Mendes de Miranda; Roberta Machado Boniolo. 2017. Texto publicado na página **Scielo Brasil** Religião e Sociedade. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rs/a/X9srhFpJMXQZWhnnHqwbRnR/abstract/?lang=pt> acesso: 08/06/2020

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Edusp, 1996. Disponível em:

[https://www.intaead.com.br/ebooks1/livros/hist%F3ria/12.Hist%F3ria%20do%20Brasil%20-%20Boris%20Fausto%20\(Col%F4nia\).pdf](https://www.intaead.com.br/ebooks1/livros/hist%F3ria/12.Hist%F3ria%20do%20Brasil%20-%20Boris%20Fausto%20(Col%F4nia).pdf) acesso em 18/11/2021

FERREIRA, Sócrates Pereira. **A Jurema Sagrada em João Pessoa: um ritual em transição**. UFPB. João Pessoa, 2011. Dissertação (Pós-Graduação em Ciência da Religião). Disponível em:

https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/4199?locale=pt_BR acesso em: 05/06/2020

Fios da razão: Tradição e pluralidade da Umbanda em Pontal. Juliana Barros Brant Carvalho; José Francisco Miguel Henriques Bairrão. Texto publicado em **Interação em Psicologia** vol.21, nº2, 2017.

Disponível em:

<https://pdfs.semanticscholar.org/f25c/f5edbe38afe9ef66128f5a1aa598a1a9b92a.pdf>
acesso em:09/11/2020

FREITAS, Sonia Maria. **História oral: possibilidades e procedimentos**. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/USP: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime patriarcal**. 48º ed. rev. São Paulo: Global, 2003

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. São Paulo: LTC, 1989.

História da Umbanda. Lucilia Guimarães; Eder Longas Garcia. Pesquisa realizada em 2017 para acervo do **Terreiro Pai Maneco**. Curitiba. Disponível em: <https://www.paimaneco.org.br/2017/07/20/historia-da-umbanda-caboclo-das-sete-encruzilhadas/> acesso em: 18/02/2021

Iemanjá – Lenda, Mito e Sincretismo religioso. Fonte: Leões e Cordeiros. Texto publicado no site do **Portal Galedés**, fevereiro/2012. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/iemanja-lenda-mito-e-sincretismo-religioso/> acesso em 19/09/2020

Iemanjá (Nkisi Mikaia) Alexandre Falasco. Texto publicado no site **Giras da Umbanda – Barracão Pai José**. Disponível em: <https://www.girasdeumbanda.com.br/materia/214/iemanja-nkisi-mikaia.html> acesso em: 19/07/2020

Iansã. Artigo publicado no site **Raízes Espirituais**, s/d. Disponível em: <https://www.raizesespirituais.com.br/orixas/iansa/> acesso em 15/09/2020

Iansã. Luciana Granzotti. Texto retirado do livro Umbanda Sagrada de Rubens Sara-ceni, 2013 publicado no site **Simplemente Umbanda**, março/2015. Disponível em: <http://simplementeumbanda.blogspot.com/2015/03/36-iansa.html> acesso em: 14/09/2020

JUNIOR, Ademir Barbosa. **O livro essencial da Umbanda**. São Paulo: Universo dos Livros, 2014.

KARDEC, Allan. **O Livro dos Espíritos – Princípios da Doutrina Espirita**. Rio de Janeiro: Federação Espirita Brasileira, 2004. Disponível em: <https://www.febnet.org.br/wp-content/uploads/2012/07/135.pdf> acesso em 12/04/2020

KARDEC, Alan; SAUSSE, Henri. **O que é o Espiritismo: Introdução ao conhecimento do mundo invisível, pelas manifestações dos espíritos**. 5 ed. 1 imp. Brasília: FEB, 2013.
Disponível em: <https://www.febnet.org.br/wp-content/uploads/2014/05/o-que-e-o-espiritismo.pdf> acesso em 12/03/2020

Lei Caó, que definiu crimes de preconceito de raça ou cor, faz 30 anos. Texto publicado na página **MIGALHAS**, janeiro/2019. Disponível em:

<https://www.migalhas.com.br/quentes/293730/lei-cao--que-definiu-crimes-de-preconceito-de-raca-ou-cor--faz-30-anos>_acesso em 16/01/2021

Lenda – Entrega do poder de Omulú a Iansã. Texto publicado no site **Raízes Espirituais**, agosto/2016. Disponível em: <https://www.raizesespirituais.com.br/lenda-entrega-do-poder-de-omulu-a-iansa/> acesso em 15/09/2020

Lendas de Oxalá. Denise Freitas de Oliveira; Elisângela Makoski; Leonardo Macharette. Texto publicado no site **Grupo de Estudos Terreiro Pai Maneco**. Disponível em: <https://www.paimaneco.org.br/2012/01/31/lendas-de-oxala/> acesso 15/03/2020

Lendas de Oxóssi. texto publicado no site **Pai Jacó**. Disponível em: <https://www.paijaco.com.br/oxossi/>_acesso em 19/09/2020

LAGAN, Jacques. **Da estrutura como intromistura de um pré-requisito de alteridade em um sujeito qualquer**. 1978, p. 198-212

MAMIGONIAN, Beatriz Gallotti. **Africanos livres – A abolição de escravos no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

MELLO E SOUZA, Laura. **Revisitando o calundu**. São Paulo – USP, 2002, pp.1-20. Disponível em: http://www.historia.fflch.usp.br/sites/historia.fflch.usp.br/files/CALUNDU_0.pdf_acesso em 04/07/2020

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilda Lino. **África: berço de diversas civilizações**. In. **O Negro no Brasil de Hoje**. São Paulo: Global, 2006, pp.31-65

NOGUEIRA, Maria Alice; NOGUEIRA, Claudio M. Martins. **Bourdieu & a Educação**. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

9 expressões populares com origens ligadas à escravidão; e você nem imaginava. Vitor Paiva. Texto publicado na página do **Portal Galedés**, outubro/2016. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/9-expressoes-populares-com-origens-ligadas-escravidao-e-voce-nem-imaginava/> acesso em: 18/03/2020

Obaluaê e Omulu. Artigo informativo com referências do livro “Orixás – Teogonia da Umbanda”. Rubens Saraceni. Texto publicado no site **AUMOPA**, fevereiro/2018. Disponível em; <https://aumopa.org/qual-a-diferenca-entre-obaluae-e-omolu/> acesso em: 18/10/2020

Obrigações e a construção de vínculos no candomblé. Miriam Rabelo. Texto publicado na página **SciELO Brasil** Mana vol.26 no.1 Rio de Janeiro 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132020000100201 acesso em 12/02/2021

Odomiô Iemanjá. Figura ilustrativa na página **Rosinha de Iemanjá**. Disponível em: <https://rosinha-de-iemanja.tumblr.com/post/155909683022/iemanja%C3%A1->

%C3%B4-olha-seus-filhos-na-beira-mar-iemanj%C3%A1-%C3%B4_ acesso em 27/05/2021

Ogum. Luciana Granzotti. Texto informativo retirado do livro *Umbanda Sagrada*, Rubens Saraceni, 2013 publicado no site **Simplemente Umbanda**. Disponível em: <http://simplesmenteumbanda.blogspot.com/2015/03/33-ogum.html> acesso em: 18/07/2020

OLIVEIRA, Nathalia Fernandes. **A repressão policial às religiões de matriz afro-brasileiras no Estado Novo (1937-1945)**. UFF – RJ. Niterói, 2015. Dissertação (Mestrado História Social). Disponível em: <https://www.historia.uff.br/stricto/td/1903.pdf> acesso em 16/01/2021

OLIVEIRA, Wanderley. **Guardiões do carma – a missão dos Exus na Terra**. Belo horizonte: Dufaux, 2017

Orixás e entidades da Umbanda e do Candomblé – 104 anos da Umbanda, a religião dos negros, índios e caboclos. Texto informativo. **Lila Menez**, agosto/2012. Disponível em: <https://lilamenez.wordpress.com/tag/caboclo-sete-encruzilhadas/> acesso em: 15/02/2021

Oxalá (Nkisi Lemba). Alexandre Falasco. O mais venerado dos Orixás. O Pai Maior. Texto publicado no site **Barracão de Pai José**. Disponível em: <https://www.girasdeumbanda.com.br/materia/218/oxala-nkisi-lemba.html> acesso em 09/04/2020

Oxóssi (Nkisi Tauamin). Alexandre Falasco. O dono das matas e dos animais. Texto publicado no site **Barracão de Pai José**. Disponível em: <https://www.girasdeumbanda.com.br/materia/211/oxossi-nkisi-tauamin.html> acesso em 09/04/2020

O que é a linha das almas? Texto informativo publicado no site **Terreiro Pai Maneco**, julho/2017. Disponível em: <https://www.paimaneco.org.br/2017/07/12/o-que-e-a-linha-das-almas/> acesso em 05/03/2021

O 1º Congresso do Espiritismo de Umbanda, 1941: manifestações de uma “gramática da repressão”. Marcos Paulo Amorim Santos. Texto publicado na **Revista Hydra**, vol. 1, n. 2, agosto de 2016. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/hydra/article/view/9132/6665> acesso em: 22/01/2021

O Material dos Espíritos: a teoria da umbanda de Pai Joaquim sobre o intercâmbio mediúnico-vibratório através dos corpos energéticos. Lucas Gonçalves Brito. Texto extraído do **VI Reunião de Antropologia da Ciência e Tecnologia**. USP, 2017 Disponível em: <file:///C:/Users/luari/Downloads/2845-Texto%20do%20artigo-12758-1-10-20190815.pdf> acesso em: 18/03/2020

O tráfego negreiro. Texto publicado no site **MULTIRIO**. Secretaria Municipal de Educação. Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro.

Disponível em: http://www.multirio.rj.gov.br/historia/modulo01/traf_negreiro.html
acesso em: 07/04/2021

PACCO, Eliana. **Orixá de Frente, Juntó e do Pano Branco: Umbanda para leigos**. Vozes de Aruanda, 2020, e-book Kindle

PINTO, Altair. **Dicionário da Umbanda**. Eco, 2007. Disponível em: <https://ticun.files.wordpress.com/2015/09/dicionacc81rio-da-umbanda-altair-pinto.pdf>
acesso em 04/12/2020

Pombagira e as faces inconfessadas do Brasil. Reginaldo Prandi. Texto extraído do livro “Herdeiras do Axé”. São Paulo, **Hucitec**, 1996, Capítulo IV, pp. 139-164. Disponível em:
http://www.espiritualidades.com.br/Artigos/P_autores/PRANDI_Reginaldo_tit_Pombagira.htm acesso em 04/03/2020

Pombagira nos cultos popular brasileiro. Hortência Caro Sanchez. Texto publicado em **Revista Estudos Afro-brasileiro**, v.1, nº2, p.149-320, set/dez. 2020. Disponível em: <https://www.estudosafrobrasileiros.com.br/index.php/eab/article/view/29> acesso em: 04/03/2020

Religiosidade e Cultura: a performance de Maria Padilha Rainha das Encruzilhadas em Belém do Pará. Claudio Cristiano Chaves das Mercês. Texto publicado em **Revista Sentidos da Cultura**, v.07 nº.12, jan. /jun./2020. Disponível em:
<https://periodicos.uepa.br/index.php/sentidos/article/view/3451> acesso em 09/04/2021

Roger Bastide: um estudioso sobre a consciência das camadas subalternas no Brasil. Dora Viana Vasconcellos 2016. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro Rio de Janeiro: **Estudos Sociedade e Agricultura**, vol. 24, núm. 1, abril-setembro, pp. 345-363.
Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5999/599964677015.pdf> acesso em 18/02/2021

SALES, Verônica Amaral. **Umbanda Preconceitos e Similaridades**. Dissertação (Artigo sobre a intolerância religiosa). São Paulo: USP. 2017. Disponível em:
<http://celacc.eca.usp.br/?q=pt-br/celacc-tcc/947/detalhe> acesso em: 04/09/2020

Santos Negros: Maspe lança exposição inédita em Pernambuco. Cleide Alves. Texto publicado na página **JC – Jornal Digital**, novembro de 2018. Disponível em:
<https://jc.ne10.uol.com.br/canal/cidades/geral/noticia/2018/11/18/santos-negros-maspe-lanca-exposicao-inedita-em-pernambuco-362146.php> acesso em 18/08/2020

SARACENI, Rubens. **Livro de Exu: O Mistério Revelado**. São Paulo: Madras, 2020

SARACENI, Rubens. **Orixá Pombagira: fundamentação do mistério na Umbanda**. 6 ed. São Paulo: Madras, 2017.

Sessões em Casa. Práticas religiosas e variações em Almas e Angola. Franco Delatorre. Texto publicado pela página da **SciELO Brasil. Relig. Soc.** Vol.39 nº3 Rio de Janeiro, 2019 acesso em 12/01/2021 disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-85872019000300221#:~:text=Almas%20e%20Angola%20%C3%A9%20uma,em%20Florian%C3%B3polis%20e%20cidades%20vizinhas

Sexualidade feminina no contexto religioso umbandista: a transgressão do ordinário sob o arquétipo da Pombagira. Dalvana Fernandes; Jean Filipe Favaro. Texto extraído do **Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress** (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017. Disponível em: https://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/simposio/view?ID_SIMPOSIO=106 acesso em: 03/01/2021

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. Fogo no Mato: **A Ciência encantada das Macumbas**. Rio de Janeiro: Mórula, 2018

SILVA, Tulani Pereira. **“Arreda homem que aí vem mulher...”: dimensões do corpo na performance da Pombogira**. CEFET/RJ. Rio de Janeiro, 2017. Dissertação (Pós-Graduação em Relações Étnico-raciais). Disponível em: http://dippg.cefet-rj.br/pprer/attachments/article/81/77_Tulani%20Pereira%20da%20Silva.pdf acesso em: 07/07/2020

SOLERA, Osvaldo Olavo Ortiz. **A magia do Ponto Riscado na Umbanda Esotérica**. São Paulo: PUC-SP 2014. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião). Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/1946/1/Osvaldo%20Olavo%20Ortiz%20Solera.pdf> acesso em 21/02/2021

SOUZA, André Luiz Nascimento. **A mística do Catimbó-Jurema representada na palavra, no tempo e no espaço**. UFRGN, Natal, 2016 (Dissertação de Mestrado). Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/22119/1/AndreLuisNascimentoDeSouza DISSERT.pdf> acesso em: 03/01/2021

Uma em cada quatro mulheres foi vítima de algum tipo de violência na Pandemia no Brasil, aponta pesquisa. Paula Paiva Paulo. Texto publicado na página **G1 – São Paulo**. Junho/2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/06/07/1-em-cada-4-mulheres-foi-vitima-de-algum-tipo-de-violencia-na-pandemia-no-brasil-diz-datafolha.ghtml> acesso em: 22/07/2021

Umbanda completa 110 anos em meio a ataques e queda no número de devotos. André Bernardo. Texto publicado no site da **BBC Brasil**, junho/2018.

Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-44297088> acesso em: 09/09/2020

THOMPSON, Edward Palmer. **A voz do passado**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

Disponível em: <https://umbandaeucurto.com/linhas-de-umbanda/>, acesso em 06/02/2021.

Disponível em: <https://www.diariodeumbanda.com.br/sobre-a-umbanda/as-sete-linhas>, acesso em 20/12/2022.

GLOSSÁRIO

ABEBÉ ou **ABÉBÊ** – leque de forma circular que simbolizam o cedro de poder de Oxum e/ou Iemanjá, a primeira quando de latão e com uma estrela no centro vazada ou batida e da segunda quando de metal prateado ou pintado de branco com uma figura de sereia ou peixe no centro.

ADJUNTÓ – unido, ligado, próximo a; junto; pegado; capacidade para auxiliar, ajudar; assistente. (Sub. Masculino) aquele que auxilia outra pessoa hierarquicamente; assessor; quem substitui outra pessoa exercendo a mesma função; suplente

AGANJU – terra firme; região selvagem; nome dado a Xangô ancião, velho.

AI IE IE ou **ORA IE IE** – saudação a Oxum e significa “salve a senhora da bondade”

AJUNTÓ – o mesmo que adjuntó

ALACORÔ – coroa sem franjas utilizada por Ogum

ALAMORERE – o “proprietário da boa argila; o grande orixá; o rei do pano branco

AMALÁ — comida de santo; banquete oferecido aos orixás

APARÁ – uma das designações de Oxum

ARUANDA – cidade no plano espiritual

ASE – *amém*

AUMBANDHÃ – corrente ou linha da Umbanda; alento divino; finito do infinito

AUMPRAM – corrente ou linha da Umbanda; renascer; lei divina

AYÉ ou **AIÉ** – planeta terra

AXÉ – poder, energia ou força presente em cada ser ou em cada coisa; energia sagrada dos Orixás; saudação de votos de felicidade e boas energias

BANTO — dialetos reunidos por critérios morfossintático e léxico falados por vários grupos nigerocongolês; homem; associação de cultos religiosos provenientes dos negros escravizados.

CALUNDU – ritual africano; ente sobrenatural que interfere nos destinos humanos por meio do transe e possessão por meio do canto, dança, batuque.

CANDOMBLÉ – religião animista originária do continente africano trazida pelos negros escravizados e aqui estabelecidos na qual sacerdotes e adeptos se entrosam em cerimônias públicas e privadas, e em conveniência, a forças da natureza e a sua ancestralidade; religião com práticas ritualísticas evocativas de entidades dos planos Astrais superiores e inferiores, tais como as crenças da ortodoxia judaico-cristã; crença espírita que simboliza os cultos africanos nagôs, bantos, jejes, malês, ame-

ríndios, cabindas, benguelas, loanda, etc.; teogonia de crenças em deidades considerados como Orixás.

CARURU – pratos feitos com quiabo para oferendar ao santo

DEBÔ – canjica branca

EDUN ARÁ – pedra ritualística do orixá Xangô ao qual dispersa raios

EGUNITÁ – **Iansã**; orixá feminino da purificação; qualidade (manifestação) de Iansã; deidade senhora do mistério do fogo; orixá Cósmico sentada no polo negativo que absorve e/ou consome os vícios e desequilíbrios e faz a purificação

EGUNGUN – espírito de pessoas mortas que retornam a terra; aparição; evocação de espíritos protetores.

EGUNS — espíritos desencarnados; espíritos humanos sujeitos a novas reencarnações; cerimônia de evocação dos espíritos.

ERÊ – ser encantado; criança

ERUEXIM – instrumento sagrado utilizado por Iansã e Oxóssi; objeto ritualístico feito com a o rabo do cavalo, boi ou búfalo usado para movimentar o vento e limpar o ambiente no mundo dos vivos ou dos mortos

EXU – esfera; orixá do movimento e fiscalizador do *àse e orum*, das coisas feitas e do comportamento humano; mistério da criação simbolizada nas polaridades masculina e feminina (Exu e Pomba giras)

EXÊ – amuletos

EKEDE, ou **EKEDI** – orixá Funfun; cabona; pessoas que não incorporam

EWÁ – orixá feminino da vidência e da intuição

FANTI-ASHANTIS – etnia de negros africanos provenientes do continente africano como os fons, minas, euês, evés e outros que foram traficados para o Brasil no período colonial. Ocidental

GELEDE – sociedade secreta feminina de caráter religioso

IANSÃ – Oyá; título recebido de Xangô que significa a mãe do céu rosado, a mãe do entardecer

IBEJI – nascimento de dois; orixá gêmeos, sincretizados aos santos católicos Cosme e Damião; deidade associado ao princípio da dualidade, por serem entendido como crianças são ligados a tudo que se inicia e brota.

IEMANJÁ – orixá tida como a mãe de todos os homens e de alguns orixás; a senhora do mar senhora da calunga maior. Também chamada de Janaína, Inaé, Mucunã, Dandalunga, Marabô, *Iara*. No sincretismo cristão corresponde a Nossa Senhora da Conceição.

IFÁ — espírito adivinho; oráculo de adivinhação; espírito que forma a trindade crista juntamente com Oxalá e Olorum; porta voz dos orixás

IFÉ — capital de Ilê Ifë

ILARORIXÁ ou **IALORIXÁ** — mãe de santo

ILÊ IFÊ — primeira cidade criada pelo orixá feminino Odudua

IORI — vitalidade da luz; energia ligada a crianças, brincadeira, alegria

IORIMÃ ou **YORIMÃ** — orixá primaz do elemental terra; vibração composta por diversas entidades que alcançaram a maturidade espiritual; senhores das experiências; orientadores dos homens no caminho da fé por meio da busca da sabedoria e humildade.

IORUBAS — etnias africanas do sudoeste da Nigéria e do Congo sequestrado do continente africano e escravizado em território brasileiro e aqui designados como povo nagô; idioma da família linguística nigero-congolesa.

ITÃ — lendas; contos orais transmitidos de geração à geração

IYÁ ORÍ — título de Iemanjá que corresponde a senhora da cabeça de todos

JEJES — grupo étnico africano que adentrou em terras coloniais brasileira em meados do século XVII provenientes de reinos da África Ocidental, como a Nigéria, Gana, Benim (antigo Daomé), Costa do Marfim e Togo

JUNTÓ — o mesmo que adjuntó

KALUNGA — campo santo; cemitério (calunga menor); mar (calunga maior)

KARMA ou **CARMA** — efeito de alguma ação realizada pelo homem; princípio desenvolvido nos upanisads védicos que fundamentam o hinduísmo, budismo e outras religiões ocidentais, assim como o espiritismo e cultos afro-brasileiro; lei universal de causa e efeito; meio que estabelece a ordem e o equilíbrio dos comportamentos humanos diante as reencarnações

LOGUNÃ ou **LOGUNAN** — orixá feminino do tempo, ordenadora do caos

LOGUNEDÉ ou **LOGUN-EDÉ** — o mais baixo de estatura entre os orixás, filho de Oxum e Oxóssi, senhor da guerra e das águas, da riqueza e da fartura

MACUMBA — cultos com rituais que envolve o manejo de magia; Candomblé; sessão de terreiro; festas realizadas por meio de gestos, cantos e danças acompanhados de farto e vibrante material sonoro, entremeados de rodopios com fundo cabalístico e coreografia policrômica dançados ao som dos atabaques, macumbas, agogôs, tambores, rumpis, ages, adejas, xaque-xaques, etc. onde são atendidas pessoas que buscam consultas espirituais por meio de seus médiuns; instrumento musical

NANÃ BURUQUÊ – primeira e a mais antiga de todos os orixás, tanto masculinos como femininos, excetuando Oxalá e exerce a missão de mãe dos orixás e dos espíritos das Linhas de Umbanda; divindade do elemento água e deusa da chuva. No sincretismo cristão está associada Sant'Ana

OBÁ — orixá feminino das águas revoltas, pororocas, e quedas d'água; senhora dos redemoinhos, uma forma de controle dos ventos; tem poder sobre as enchentes e o barro; primeira esposa de Xangô, (ioruba): deusa do rio; orixá que alterna sua força entre uma grande guerreira capaz de vencer vários orixás masculinos e mulher ingênua e apaixonada.

OBALUAÊ — orixá filho de Nanã Buruquê e Oxalá; deidade com o corpo coberto de varíola e visto por alguns como Omulu. No sincretismo cristão é associado a São Lázaro, São Roque ou São Braz.

OBÀTÁLÁ — Jesus Cristo no Candomblé, senhor do tempo e da fé

OBI – nozes; brotos de planta

ODÉ – nome de Oxóssi

ODUDUA – cabaça que jorrou a vida; uma das divindades primordiais; orixá feminina da divinação da terra; deusa do amor

OFÁ – arma sagrada usado por Oxóssi composto pelo arco e a flecha

OGÃS – cargo dos que auxiliam nos cultos

OGUM — orixá das lutas e das demandas. No sincretismo cristão é associado a São Jorge ou São Sebastião na tradição nagô

OGUN – Ogum

OGUNHÊ ou **OGUM-HÊ** — saudação a Ogum e significa “meu pai”

OHUM – Oxum

OJÁ – consorte de Ogum e mãe de seu filho Oxóssi; torço ou turbante que se coloca na cabeça; faixa de pano bordada que cobre os seios ou a cintura do filho-de-santo quando medianizadas.

OKÊ ARÔ – saudação a Oxóssi e significa “salve o grande caçador

OLADE – Obaluaê

OLOKUM – orixá metade homem e metade peixe que governa as profundezas dos oceanos na busca da harmonia com a terra; senhor dos mares

OLORUM — Deus; orixá supremo; senhor do Orum

OMOLOCÔ – corrente ou linha da Umbanda

OMOLOCUM ou **OMOLOKUM** – prato ornamental de Oxum feito com grãos de feijão fazendo referência a fertilidade, nascimento; pratos feitos com frutos do mar

OMOLUBÁ – nome religioso de Ney Nery dos Reis

OMO OLU – Omulu

OMULU — orixá da varíola associado a São Lazaro no sincretismo cristão

ONIR – senhor, chefe, rei, rainha

ÒPA – cajado de Oxalá feito de estanho cerimonial

ORÌ – cabeça; amuleto, talismã

ORIRI – erva alfavaca

ÒRÌSÀ — Divindades que representam as forças do Universo Infinito; espíritos puros, santos; guias espirituais evocados nos diversos rituais ou trabalhos nos quais os fiéis depositam sua fé. Algumas linhas de Umbanda e seus preceitos os dividem em orixás maiores e menores, estes pertencentes a corte de Aruanda e exemplo que qualquer ser humano pode chegar a esse grau de evolução espiritual desde que redimido totalmente de suas culpas e, tendo passado pelos vários sub planos e planos da escola hierárquica da espiritualidade, chegue ao ponto primordial da perfeição. Não precisa ser considerado como santo, na interpretação dada pela igreja católica, para um espírito se tornar num Orixá, pois na Lei Espírita não é conhecida essa condição, uma vez que se concebe apenas como espírito de luz, todo aquele que granjeou de Deus a suprema ventura de elevar-se perante o seu conceito, nas condições impostas pelas leis *kármicas*.

ORIXÁ FUNFUN – orixá branco; orixás primordiais criados por Olorum antes de tudo

ORIXA-N-LA – Oxalá

ÒRÌXÀ OSSAÊ, OSSAIN ou **OSSAEM** – orixá das plantas curativas, defensor da saúde; detentor do dom da feitiçaria e senhor dor oráculos, do sucesso e dos bens materiais

OROINÁ YANSÃ – Iansã; Egunitá

ORUM – céu espiritual

ORUNGÃ – deidade filho de Iemanjá, a água e Aganju, a terra firme

ORUNMILÁ – um dos orixás funfun que esteve presente na criação da terra e dos homens; detentor do poder da intuição, vidência e leitura dos destinos; guardião da sabedoria do ifã; pai de Oxum

OSORÒ – o mesmo que òpa

OSOWUSI – Oxóssi

OSUN – Ogum

OTOTONI – culto religioso; Umbanda; prestação de serviço de assistência ao homem por meio do transe

OYÁ ou **Oiá** — orixá feminino do vento e da tempestade; deusa da vingança, no sincretismo cristão corresponde a Santa Bárbara; mensageira; deusa do rio Níger; Iansã; consorte de Ogum e Xangô

OYÓ – cidade-estado fundada como capital do império de Oió destruído pelos povos fulos; cidade governada pelo orixá Xangô

OXAGUIÃ — orixá guerreiro filho de Oxalufã

OXALÁ — o primeiro de todos os orixás e entendido como um orixá funfun (pano branco), superior na corte celestial. No sincretismo cristão corresponde a Jesus Cristo; senhor do tempo e da fé

OXALUFÃ – Jesus Cristo

OXÊ – machado ritualístico com duas laminas usado por Xangô

OXÓSSI – orixá das matas e da caça. No sincretismo cristão é associado a São Jorge para os nagôs e São Sebastião em outras tradições.

OXUM — orixá da água doce. No sincretismo cristão é associada à Nossa Senhora da Penha; orixá que rege a sexualidade e a renovação dos seres em todos os aspectos.

OXUMARÉ – Oxum

PAXORÔ – o mesmo que òpa

QUIUMBAS ou **KIUMBA** – espíritos brincalhões, trevosos, obsessores

QUIUMBANDAS – sacerdote (quimbandeiro) de cultos religiosos do tipo angola-congo; mágico, curandeiro, chefe de terreiro.

SARAVA – Saudação umbandista que corresponde a salve, viva. Etimologicamente termo originado a partir da pronuncia dos escravos africanos ao dizer “salvar” devido a influência da fonologia banto

UMBANDA – curandeirismo ou arte de criar; culto que os espíritos humanos desencarnados, na Terra, prestam a *Obatalá*, por intermédio dos Orixás em ajuda aos encarnados; culto com participação de espíritos elementais e espíritos desencarnados por meio da doutrinação ou por meio do auxílio espiritual nas dificuldades materiais

e morais, alívio ou cura de doenças; religião com reconhecimento de um Ser Supremo, trino na sua manifestação cósmica, e com hierarquias de entidades espirituais que desempenham funções que buscam a evolução dos espíritos encarnados ou desencarnados; culto de origem africana; termo de linguagem oriental antiga ao qual UM significa Deus e Banda agrupamento, legião; religião criada por Zélio Fernandino de Moraes em 1908; religião que sincretiza elementos de cultos africanos com santos católicos, tradições indígenas e conhecimentos kardecista.

UMBANDOMBLÉ — culto da umbanda com a junção do Candomblé

XANGÔ — orixá do raio e do trovão, divindade da justiça. No sincretismo cristão é associado a São Jerônimo, São João Batista, São João, São Pedro e São José dependendo das tradições e/ou linha de Umbanda

XIMXIM ou **XINXI** – prato de santo feito com carne

XINGUILA – transe, mediunidade

XIRÊ – ordem, segundo a qual, são evocados, pelos pontos cantados, os Orixás para o início dos trabalhos de terreiro, dança, roda.

YAMINS – divindades místicas; ancestralidade feninina

YEMANJA – Iemanjá

YOKAANAM – nome religioso de Oceano de Sá